

# CONTOS SCI-FI ALÉM DA IMAGINAÇÃO



VICTOR SCOFIELD



Victor Scofield

**Contos SCI-FI**  
Além da imaginação



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Passo Fundo  
2011



Victor Scofield

**Contos SCI-FI**  
Além da imaginação

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2011

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)  
e-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sitio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**[Creative Commons Atribuição-Compartilhalgal 3,0 Nao Adaptada.](#)**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Capa : Victor Scofield

Revisado pelo Autor em: 11/12/2011

S421c Scofield, Victor

Contos SCI-FI [recurso eletrônico] : além da imaginação / Victor Scofield. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2011.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-64997-35-6

Modo de acesso: World Wide Web:

<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Literatura brasileira. 2. Ficção científica. I.

Título.

CDU: 869.0(81)-3

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

## Sumário

A CANETA ALIENÍGENA .....	9
O AVISO .....	15
A LUVA ARMADURA .....	19
MEMÓRIA ELETRÔNICA .....	25
FALSO ESCRITOR .....	30
FIGHTER FORCE .....	38
O HOMEM DE Q.I. ELETRÔNICO .....	58
O EXEMPLAR .....	65
ANDROTON .....	74
(Parte I) .....	74
ANDROTON .....	84
(Parte II) .....	84
ANDROTON .....	91
(Parte III) .....	91
ANDROTON .....	96
(Parte IV) .....	96
ANDROTON .....	100
(Parte V) .....	100
ANDROTON .....	105
(Parte Final) .....	105





## A CANETA ALIENÍGENA

Em um dia comum, céu azul, ensolarado e temperatura agradável, Charles caminhava pela calçada emburrado com a vida. Bem... Não com a vida, mas com um fato que acabara de acontecer em sua escola. E que ficava atormentando suas lembranças segundo após segundo.

Charles mais uma vez, como muitas outras, havia levado uma surra insuportável de seus colegas valentões Felipe e Marcelo. Dois pivetes que infernizavam a vida de muitos outros na escola apenas por prazer. Na qual, jamais houve motivos para tais atitudes. E como sempre, Charles já estava cansado disso... Tão cansado, que pelo fato de estar muito machucado acabou mudando a rota de sua casa. Uma rota onde só havia estrada de chão e mato ao redor, e mais nada. Onde queria aliviar seu sofrimento e lamentações aproveitando o dia que estava bonito.

Estava bonito...

Pois em questões de dois, três minutos, as nuvens fecharam os céus e acinzentou todo o cenário em volta, dando aquela forte impressão de que iria desabar uma enorme tempestade e inundar todo o local. O que deixou Charles olhando para o céu se sentido totalmente impotente em sua situação. Afinal, ele estava sem guarda-chuva, e para piorar, no caminho errado. Mas algo estranho aconteceu. Charles percebia que demorava muito para começar a chover. E a única coisa que estava ocorrendo era a de os ventos soprarem muito fortemente para todos os lados e as árvores ao redor chacoalharem com muita violência. Charles não estava compreendendo. Não tirou em nenhum momento o olhar do céu. Então ele viu... Um risquinho amarelo que descia do céu e que aumentava de largura conforme ia chegando perto. Charles se perguntou: *O que é aquilo?* O risquinho deixou de

ser risquinho e se transformou num objeto estranho. Que, com uma velocidade extremamente absurda, caiu bem na frente de Charles e levantou uma enorme quantidade de poeira na sua cara, fazendo-o fechar os olhos com toda a sua força.

Ao cessar a poeira, Charles abriu os olhos lentamente. Olhou para frente e não viu nada. Olhou ao redor e não viu nada. Ele pensou: *Ué? O que houve? Cadê o objeto esquisito?* Então ele olhou para o chão na frente de seus pés. Um artefato em forma de uma ponta de lança do tamanho de um jarro de suco estava cravado com a ponta no chão. Charles ficou olhando aquilo sem palavras. Havia riscos estranhos em todo seu metal. Uma pequena portinha se abriu e uma quantidade pequena fumaça saiu fazendo um barulho de descompressão de ar. Charles continuava olhando. E após toda a fumaça ter se dissipado, ele enxergou um pequeno ser azul desacordado em sua pequena cadeirinha segurando uma espécie de caneta escura prateada. Havia luzinhas piscando dentro do objeto. Charles sacou na hora que era uma pequena nave extraterrestre. Ele sabia, era um alienígena de verdade. Abaixou-se e cutucou o pequeno ser com a esperança de que estivesse vivo. Fez isso inúmeras vezes, mas pelo que parecia, não havia sobrevivido à queda. Desistiu e olhou para o artifício que parecia uma caneta no colo do pequeno alien. Pegou, e analisou. Havia os mesmos rabiscos alienígenas que contornava a nave. Guardou em seu bolso e saiu andando para sua casa. Deixou a pequena nave para trás a mercê de outra pessoa achá-la – o que misteriosamente não aconteceu. Mas, Charles não estava preocupado em contar para alguém. E o dia novamente voltou a ficar ensolarado.

Charles chegou em casa como se nada tivesse acontecido. Foi para a cozinha e cumprimentou sua mãe. Sua mãe o olhou e perguntou:

- Filho, o que foi que fizeram com você? Porque está machucado?

Charles respondeu:

- Ah mãe! Não foi nada. É que sem querer tropiquei e cai, mas não foi nada demais.

A mãe de Charles rapidamente pegou uma caixinha de primeiros socorros em um dos armários da cozinha e lhe disse:

- Venha cá. Vamos tratar essas feridas.

Charles obedeceu. Sentou em uma das cadeiras da cozinha e ficou imóvel deixando sua mãe tratar de suas feridas.

Após o tratamento, com um pequeno curativo na cabeça e em alguns pontos do corpo, Charles entrou em seu quarto jogando a mochila na cama e sentando em sua cadeira de escritório girando nela. Parou, e lembrou-se da caneta que estava em seu bolso. Tirou-a e olhou-a novamente apreciando aqueles símbolos alienígenas. Olhou-a de vários ângulos e perspectivas. E percebeu que havia uma pequena divisão nela, igualzinho as canetas de girar. Pensando nisso, experimentou fazê-lo. E realmente a caneta girou. Mas não saiu nenhuma ponta. De certa forma, Charles já esperava por isso, era uma caneta de outro mundo. Em uma de suas extremidades, a ponta era arredondada semelhante à ponta de um projétil de arma. Charles ficou acariciando a palma de sua mão com essa extremidade com os olhos fechados pensando na vida.

Alguns minutos se passaram e Charles abriu os olhos. Olhou para a caneta voltando a apreciá-la. Sentiu uma de suas mãos meio esquisita e olhou para ela, e de imediato, levou rapidamente um susto ao ver que estava toda suja de tinta. Correu rapidamente para o banheiro com a intenção de lavá-la. Ufa! A tinta saiu facilmente. Charles voltou para o quarto aliviado. Mas olhou para caneta, desconfiado. Perguntou-se: *Como saiu tinta, se não tem ponta?* Charles sentou novamente na cadeira de escritório e pegou a caneta que estava em cima da mesa de estudos. Avaliou a situação. Pegou uma folha de papel em branco e muito antes de encostar a caneta no papel, faltando dois centímetros de

distancia, um ponto surgiu no papel. Charles ficou fascinado. Incrível, foi o que passou na cabeça de Charles. Uma caneta que não precisa encostar-se ao papel para escrever. Só podia ser mesmo tecnologia alienígena.

Charles, por incrível que pareça, gostava de escrever histórias. Suas prediletas eram as de terror. E já que estava com uma caneta muito legal, e que só ele no planeta tinha, resolveu escrever algumas. Teve a ideia de escrever sobre os valentões que batiam nele na escola. Já que o ódio ainda estava corroendo seu coração. Então começou... Escreveu uma história, na qual um dos valentões, que no caso era o Felipe, foi assassinado por um serial killer que gostava de matar as pessoas com facas exóticas e deixar a arma na cena do crime sem digitais. Usou três folhas para fazê-la. Na outra, escreveu que Marcelo foi morto por um enxame de abelhas assassinas em uma cabana secreta, escondida em algum ponto de uma floresta local. Usou cinco folhas. Cansado, resolveu deitar-se um pouco em sua cama e tirar um cochilo.

Com as histórias ainda frescas na cabeça, Charles adormeceu.

Em seus sonhos, ele via Felipe sendo assassinado pelo serial killer horrivelmente em sua casa, sem ter ninguém por perto para socorrê-lo. Charles viu o assassino deixar aquela faca no corpo de Felipe e sair como se nada tivesse acontecido. No momento seguinte via Marcelo entrando em uma cabana escondida na floresta e sair de dentro dela rapidamente com bilhões de abelhas o atacando. Fazendo-o morrer com o excesso de picadas e ferroadas. Charles não aguentou ver aquilo. Acordou rapidamente ofegante e assustado. *Que bom que era só um sonho.* Pensou Charles. Olhou para o relógio em seu pulso e viu que havia se passado cinco horas depois que havia dormido. Levantou-se de sua cama e saiu do quarto indo até a cozinha. Encheu um copo com água e tomou. Ouviu sua mãe falar da sala:

- Minha nossa! Que coisa horrível!

Charles foi até lá para ver o que era. Viu que sua mãe assistia o noticiário das oito. Olhou para a TV e começou a assistir. Estava um repórter em frente uma casa narrando:

- O garoto de quinze anos Felipe, foi assassinado a facadas por um assassino profissional á uma hora atrás. A perícia diz que a arma do crime foi deixada no local aparentemente sem digitais. E a policia ainda não têm suspeitos. Marcos Tuan, para o jornal da noite.

Charles estava com os olhos arregalados e o coração a mil. Sua consciência parecia pesar um planeta inteiro. Charles falou sem perceber:

- Isso só pode ter sido coincidência.

Sua mãe o olhou e lhe perguntou:

- Que você disse filho?

Charles respondeu:

- Nada mãe. Bobagem.

Charles ainda não estava acreditando. Continuou assistindo o noticiário. A jornalista começou a dizer:

- Um garoto foi encontrado morto por abelhas em uma floresta da zona sul da cidade. Pelo que a policia investigou até o momento, não houve culpado.

Outro quadro surgiu e uma repórter loira parecia estar aparentemente numa floresta. Havia luzes de sirenes dos carros da policia atrás dela. E ela começou a dizer:

- O garoto de quatorze anos Marcelo, foi encontrado aqui nesta floresta morto por um enxame de abelhas que aparentemente habitavam em uma cabana velha ali atrás. Os investigadores dizem que o ocorrido tem pelo menos três horas. A policia ainda não sabe se houve um responsável por isso. Investigações até agora só mostraram que foi um mero acidente do acaso. Tânia Miller, para o jornal da noite.

Charles andou rapidamente para o quarto. Entrou e foi até a caneta alienígena. Pegou-a, olhou-a por um bom tempo e disse:

- Não. Isso só foi uma coincidência... É foi uma coincidência.

Charles acreditou a vida toda que foi uma coincidência, mas aquele objeto que parecia uma caneta, nunca desapareceu de sua vida.

## O AVISO

Mais um dia de trabalho havia se encerrado para Carlos no setor administrativo do aeroporto de Passo Fundo. E como sempre, rotineiramente, Carlos fazia sua última inspeção nos relógios de fusos horários do hall principal. Não era sua tarefa, mas fazia isso para se manter atualizado, apenas por prazer. De alguma forma, gostava de ter afinidade com o tempo. Encaminhou-se para a saída e foi direto para o estacionamento ouvindo a chegada de um avião pelas turbinas. Estava um tempo agradável. Muito agradável. Pegando a chave do carro no bolso sentiu novamente o silêncio tomar conta ao seu redor. Desativou o alarme e abriu a porta do carro sentindo alguém chegar atrás de si e dizer:

- Desculpe! Um momento, por favor.

Carlos olhou para trás e viu um homem jovem de capote escuro e roupa comum debaixo do mesmo. Camisa branca e calça jeans. Carlos olhou-o de cima a baixo e perguntou:

- Pois não? Posso ajudar meu jovem?

O jovem estranho respondeu:

- Ainda não. Mais vai ajudar... Vai ajudar a si mesmo.

Carlos não entendendo nada e quase chamando o jovem de maluco perguntou:

- Do que está falando? Isso é alguma piada por acaso? Quem é você?

O jovem novamente respondeu seriamente:

- Sou físico nuclear e historiador. Viajei no tempo para avisar-lhe... Avisar-lhe de um acidente muito grave que poderá sofrer amanhã se não acreditar em mim. Você...

Ele foi interrompido por Carlos que disse:

- Rapaz, é isso que dá ficar até tarde farreando e enchendo a cara. Vai pra casa, não é seguro pra você ficar

perambulando por aí perturbando a pessoas que encontra. Já são quase onze horas.

- Você não entende... Você não pode vir trabalhar amanhã. Você irá morrer se vier para cá amanhã. Você irá morrer da seguinte forma...

Foi interrompido outra vez:

- Até mais garoto. Eu tenho que ir.

Carlos entrou no carro ouvindo a última frase que a porta não silenciou antes de fechar:

- Você vai morrer na estrada por um... – E a porta fechou-se bloqueando o som.

Carlos ligou o carro e saiu de ré queimando o pneu em seguida quando engatou a primeira. Em três segundos já estava a uma distância razoavelmente grande, longe daquele jovem que com todo seu esforço tentou correr atrás do carro. Carlos olhava o retrovisor balançando levemente a cabeça negativamente, indignado. Estando na escuridão da estrada disse para si mesmo:

- Viajante do tempo. Essa é boa. O que não inventam hoje em dia.

Levou menos de uma hora para estar estacionado o carro na garagem de sua casa. Estava em casa finalmente. O que significava que ele iria ter doze horas de descanso e tranquilidade, junto de sua amada esposa Julia.

Entrando pela porta da sala encontrou com sua esposa e beijou-a. Contou como foi seu dia de trabalho como se nada tivesse acontecido. Apenas mais um dia comum como qualquer outro. Só Carlos sabia realmente o que havia ocorrido de diferente, mas isso não o incomodava. Afinal, o que ele tinha visto era um jovem bêbado e imprudente que ficava falando asneiras. Nada mais.

Carlos se preparava para subir com sua esposa quando essa gentilmente lhe pediu que levasse o lixo para fora. Sem hesitação, atendeu ao pedido de sua bela e amada esposa.



Saiu com dois sacos grandes de lixo pretos na mão e foi caminhado até o cesto de lixo que ficava na calçada. Após ter colocado o lixo no cesto, olhou rapidamente para a sua direita e disse:

- Você outra vez? Não pode ser possível! Como chegou até aqui tão rápido, e como sabia que eu morava aqui?

O mesmo jovem que o havia encontrado anteriormente falou:

- Eu cresci aqui. E viajei em várias épocas para poder achar você nesse momento do tempo. Você não pode viajar amanhã. Por favor! Tem que me escutar.

Carlos meio impaciente e querendo se livrar logo dele disse:

- Tá bem, tá bem. Farei o que disse. Não vou trabalhar amanhã. Certo? Boa noite.

Carlos voltou andando em direção de sua casa e antes que ele fosse entrar escutou:

- Boa noite, pai! Acredite em mim, é para o seu bem.

Carlos olhou para trás murmurando bem baixinho:

- Garoto maluco. Ainda tenho que ouvir isso. Mas que barbaridade.

E então entrou.

No dia seguinte, por algum motivo estranho, o relógio de Carlos não despertou. E como Carlos havia voltado moído do serviço, acabou dormindo mais do que devia. Levantou uma hora atrasado para sair de casa e ir para o trabalho. Arrumava-se o mais depressa que podia enquanto assistia o noticiário da manhã na televisão em seu quarto. De relance, ficou imóvel quando ouviu o que a jornalista dizia:

- Um engavetamento de carros ocorreu hoje pela manhã na estrada próxima ao aeroporto de Passo Fundo. Um motorista que estava embriagado perdeu o controle do veículo e causou um acidente de oito carros que iam na mesma direção. Doze pessoas morreram nesse acidente.

Uma outra repórter narrava o fato enquanto era mostrada as imagens do acidente ocorrido. Carlos estava de boca aberta literalmente, não acreditando no que estava vendo. Estava tentando se convencer de que aquilo era apenas uma coincidência. E que essa história de alguém ter viajado no tempo só para lhe avisar isso, era uma ilusão. Mas, agora se sentia aliviado por não ter feito parte desse acidente. Sentiu que podia ir para o trabalho tranquilamente.

Antes de sair, sua esposa o abordou na saída da sala e lhe disse que tinha uma grande surpresa para lhe contar assim que voltasse para casa. Ela queria esperar o momento certo, pois tratava-se de uma coisa que iria mudar o resto da vida deles. Beijou-o e se despediu.

Já estando na estrada, uma rota alternativa daquela que fazia sempre, Carlos dirigia sem nenhum temor. Para ele estava tudo bem agora. Os minutos se passavam. Tudo parecia estar em paz. Até o momento em que começou a ouvir um barulho estranho que aumentava a cada segundo, tornando-se assustador a cada instante e fez com ele olhasse para todos os lados sem nada entender. E então, foi numa fração de segundo que ele viu de relance, a sua direita, um enorme avião cair em cima de seu carro, esmagando-o, explodindo violentamente fazendo tudo apagar para si.

Tudo ficou escuro... Nada mais se ouviu.

## **A LUVA ARMADURA**

Já eram quase nove horas da noite e Vagner terminava de guardar os tubos de ensaio do laboratório de seu porão, que ficava bem abaixo de sua cozinha. Havia os lavado, como sempre fazia toda vez que os usava. Seu laboratório era impecável e muito bem equipado. As paredes reluziam a luz do branco que eram os azulejos. Vagner era um homem muito bem financeiramente e morava sozinho. Não era casado, nem tinha namorada. Dedicou sua vida apenas à ciência, e nunca se interessou pelo o assunto de um relacionamento amoroso. Estava mesmo, era em busca de outro objetivo. Encontrar alguma coisa que pudesse ser útil e eficaz no combate ao terror do crime a sua volta.

Desenvolvia vários tipos de produtos químicos, armas melhoradas através das leis da física, às vezes a mistura dos dois para um aproveitamento de cem por cento de seu trabalho, mas nada estava enquadrado no que Vagner desejava. Tudo funcionava perfeitamente como ele previa, mas não era realmente o que ele almejava. Destruía depois tudo o que havia desenvolvido, pois ele não queria que por acidente replicassem suas obras e depois transportassem para as mãos erradas, virando mais um item no mercado negro mais tarde. Tinha de ser algo que só ele pudesse manusear. Só ele pudesse ter. E suas ideias haviam se acabado.

Após apagar a luz, subiu as escadas e trancou a única porta que dava acesso ao laboratório. Eram nove horas agora, resolveu sair de casa para dar um passeio e tomar um pouco de ar. Trancou a casa e saiu. Andava na calçada, pensativo e serenamente. Apenas ouvindo o som do silêncio que era quebrado de vez em quando por um carro ou outro que passava. Olhou para cima e viu um meteorito passar com um risco no céu que estava pouco estrelado. Voltou a olhar para

frente e continuou caminhando. Dois metros a sua frente algo caiu e bateu violentamente no chão, causando um buraco razoável na calçada e levantando algumas pequenas pedras. Vagner que se assustou com aquilo, parou instantaneamente por dez segundos. Seu rosto estava frio e pasmado, jamais tinha visto algo parecido. Correu até o local para ver o que era. Um casal que também passava por ali e viu a mesma coisa acontecer, teve a mesma atitude. Eram três pessoas em volta daquele buraco. A rua era bem iluminada, não tiveram problemas para enxergar o que estava ali. Uma pedra prateada espacial, um meteorito. Vagner ficou fascinado. O rapaz que estava acompanhado de sua namorada perguntou:

- Será que devemos chamar alguém que seja responsável por isso?

Vagner queria aquela pedra para ele, então disse:

- Não precisa. Sou geólogo e lido com esses materiais, vou levar para meu laboratório e analisar. Fiquem tranquilos. O máximo que vocês podem fazer é avisar a prefeitura sobre esse buraco.

O rapaz então falou:

- Tá certo então... Se for mesmo um especialista, pode levar.

Vagner acenou positivamente a cabeça e baixou-se para pegar o meteorito. Estava bem quente ainda, não suportou pega-lo de mão nua. Tirou a camiseta e enrolou na pedra para isolar o calor. Pegou e viu que não era muito pesado. Disse boa noite ao casal e virou-se indo rumo a sua casa.

Chegou em casa indo direto para o laboratório. Acendeu a luz e colocou a pedra na mesa central. Colocou seu jaleco. Estava agora fazendo testes químicos para identificar sua composição. Em todos os testes, nenhum reagente reagiu. O que foi estranho, pois meteoritos normalmente são compostos de ferro e alguns metais, mas nenhum deles se caracterizou. Tentou então o microscópio eletrônico que podia identificar

qualquer tipo de átomo. Nada. Nenhum componente da tabela periódica estava naquele meteorito. Vagner tirou a pedra da microscópio sem compreender. Seria um composto metálico novo? Vagner quis testar sua resistência. Pegou um revólver que tinha guardado no laboratório, que estava lá só por precaução - pois Porto Alegre não era uma cidade muito segura - e atirou três vezes no meteorito. As balas viraram pó metálico no mesmo instante que atingiram o artefato. E esse nem se mexeu. Vagner concluiu duas coisas: A primeira é que era mais denso que diamante, e a segunda que ele achou o que estava procurando. Não podia ser replicado, pois era um composto único. Mas tinha um problema. Só tinha o tamanho de uma bola de tênis. Vagner não podia fazer muito com aquilo. Então teve a ideia... Tornar aquilo parte de si. Tinha o desejo de ser mão de ferro com o crime, então literalmente era isso o que ele ia ser.

No dia seguinte, desenvolveu uma fôrma de polímero resistente a altíssimas temperaturas em forma de uma caixa por fora e com o molde de sua mão direita por dentro. Com uma buraco lateral onde ele pudesse colocá-la e um buraco regularmente pequeno na superfície para despejar o metal liquefeito. Vagner não iria ter nenhuma dificuldade em liquefazer o composto, pois seu ponto de ebulição era bem baixo, perto dos quinhentos graus Celsius. Até porque, Vagner tinha o equipamento necessário para liquefazer metais. E assim fez. Liquefez o meteorito num copo de barro bastante resistente e pegou-o com uma garra própria para o mesmo. Foi até mesa central do laboratório. Com a mão esquerda, segurava a garra com o copo, a direita ele enfiou no molde. Respirou fundo e despejou o líquido metálico rapidamente antes que esfriasse no copo. Resfriou velozmente em seguida com água. Gritou de agonia e dor durante e por várias horas depois disso. Nesse tempo, não tirou a mão um minuto se quer da onde estava. Desmaiou levando tudo o que pode da mesa

pro chão. O molde, tubos de ensaio e outras vidrarias. Ficou desacordado por várias e várias horas.

Vagner abriu os olhos lentamente movimentando a cabeça de um lado para o outro bem sutilmente. Por incrível que pareça, ele sentia a suas duas mãos sem nenhuma dor. Recobrando a consciência, levantou-se bastante tonto, mas lúcido. Estava de pé agora. Pisando em cima num monte de cacos de vidro. De alguma forma, ainda não havia se dado conta do que aconteceu. Sentia sua mão direita diferente apenas. Olhou para ela e viu que era de metal agora. Toda prateada, como uma luva que envolvesse sua mão. De imediato se lembrou. Ficou extasiado de tanta emoção. Não sentia mais dor. E o impressionante é que podia dobrar os dedos e movimentar sua mão normalmente. Vagner estranhou, mas achou incrível. O metal fazia parte de seu corpo agora. Imaginou como seria demais se aquilo envolvesse o corpo inteiro. E no mesmo instante, aquilo começou mesmo acontecer. O metal foi tomando conta do corpo de Vagner; ele ficou imobilizado de medo. Ele era todo de metal agora. Olhou para si mesmo mexendo a cabeça normalmente, sem nenhuma dificuldade. O mesmo não foi diferente para o seu corpo. Podia se mexer sem nenhum problema. Vagner sorriu. Pensou imediatamente: “Agora posso combater o crime como sempre sonhei.” Pensou em ficar normal outra vez. O inverso aconteceu, e novamente só a mão direita de Vagner estava metálica.

No momento em que estava pisando na calçada na frente de sua casa, Vagner viu que estava de noite. Logo deduziu que ficou muito tempo desacordado e coincidentemente acordou no meio da noite. A hora não estava importando muito naquele momento. Vagner queria iniciar sua caçada ao crime. Começou a seguir numa direção sem rumo. Andava despreocupado agora.

Percebia-se que era de madrugada, pois a cidade estava com o movimento muito baixo. Entretanto, Vagner andava numa rua qualquer apreciando a noite. Até o momento que cinco caras que estavam por ali conversando viram ele e foram em sua direção.

Abordaram-no de frente e um deles disse:

- Noite bela para um passeio hein amigo?

Vagner olhou-os sem temor e respondeu:

- Com certeza! Vocês não têm noção de como.

Um dos cinco que estava de toca escura, da marca Nike, olhou Vagner de cima a baixo e falou:

- Aí mano, olha só... O cara tem uma das mãos feita de metal. O cara deve ser muito doido.

Vagner respondeu:

- Obrigado pelo elogio. Mas agora eu tenho que ir.

Outro dos cinco que estava com uma jaqueta de couro preto, falou:

- Opa, opa! Aonde pensa que vai maluco? Antes vai passa todos os objetos de valor.

Vagner que esperava por algo assim sorriu e falou:

- Não vou lhes dar nada. E aí?

Um dos cinco não gostando do modo de Vagner reagir sacou uma nove milímetros automática prateada apontando para ele e respondendo:

- Eu apago você se não obedecer seu vacilão. Vamo meu irmão, perdeu, perdeu. Vai, passa aí os bagulho. Vamo, se não eu te furo todo.

Os cinco olhavam Vagner com olhar sério e sombrio, com a cabeça levemente erguida. Vagner disse:

- Esse foi o maior erro de vocês. Otários!

O bandido que estava com a arma disparou de raiva no mesmo instante. Na mesma fração de segundo que a bala atingiu Vagner, esse já estava todo envolvido pelo metal. Os cinco bandidos se assustaram e todos se armaram.

Dispararam tudo o que podiam enquanto Vagner lutava com eles. O braço de Vagner havia atravessado o corpo de dois deles, um no meio do estomago e o outro no peito. Seus braços metálicos escorriam o sangue. E o horror tomava o rosto dos três que haviam sobrado, que por consequência estavam muito feridos com as fortes porradas que haviam levado. Já estavam sem munição para disparar. Jogaram as armas fora e pegaram suas facas. O que foi inútil, pois a ponta dessas havia entortado. O primeiro que havia atingido Vagner morreu com traumatismo craniano devido o violento murro que levou na cabeça. O segundo com uma violenta bordoadada na coluna espinhal. E o terceiro sufocado com uma chave de braço insuportável. Os assassinos foram assassinados. Ninguém havia testemunhado. Estavam todos dormindo. E os que haviam acordado com o som das pistolas voltaram a dormir achando que eram fogos de artifício de algum time que havia ganhado. Vagner se sentiu satisfeito com o que fez. O metal voltou a envolver apenas sua mão e ele continuou seguindo num caminho sem rumo. Nunca mais voltou para casa.

Vagner... Agora idealizava ser um justiceiro. E a cidade... Agora tinha um novo herói.



## **MEMÓRIA ELETRÔNICA**

Julho de 2014, o jovem Dr. Jack era o mais novo recém-formado PhD em medicina neurológica de Harvard nos Estados Unidos. Já era o seu segundo doutorado em menos de dois anos. Antes, acabara de se formar doutor em engenharia eletrônica. E agora, terminara de finalizar uma das etapas do plano de sua vida. De alguma maneira, ele queria mudar o estilo de vida do homem. Tornar o mundo mais consciente. E tudo através dessas duas ciências.

Na cerimônia de sua formatura, uma jovem repórter do Jornal New York Times fazia cobertura para sua matéria dos recém-formados em Harvard. Escreveu sobre todos os fatos da cerimônia. Nisso, eram cinco formandos que recebiam o título de PhD, e um deles era Jack. Que estava programado para ser entrevistado após o término da cerimônia, pelo fato de ter defendido uma excelente tese sobre memória implantada. A repórter estava muito ansiosa.

A cerimônia acabou e ela foi diretamente falar com Jack sobre sua tese brilhante na qual ele defendeu muito bem. Ela abordou-o educadamente e lhe perguntou:

- Boa tarde Dr. Jack, posso realizar uma entrevista com você?

O Dr. Jack que acabara de cumprimentar um de seus colegas olhou para ela e sorriu dizendo:

- Claro que sim! Por favor!

Ela animada respondeu:

- Obrigada Doutor. Vamos nos sentar primeiro?

Jack respondeu:

- Vamos fazer melhor... Que tal irmos para um café aqui do campus e conversar melhor lá?

- Estou de acordo Doutor.

O Dr. Jack se despediu de seus colegas e orientadores, e saiu com a repórter do local onde estavam.

No café, o Dr. Jack relatava e acrescentava tudo que podia sobre sua tese. A repórter não deixava passar nada no seu caderninho de mão. Debatia o tempo todo sobre o assunto. O Dr. Jack relatava:

- Imagine se o homem nunca mais precisasse ficar revisando e estudando assuntos para estar lembrando. Lendo livros e aproveitando apenas dez por cento do que leu. Com a tecnologia eletrônica e a medicina juntas, esses problemas seriam os menores do ser humano. O ser humano seria capaz de guardar todo o tipo de informação que quisesse em sua mente, sem nenhuma dificuldade.

A repórter anotando e querendo saber mais sobre o assunto perguntou:

- E como isso funcionaria? Tem alguma pesquisa em mente, para ser aplicada em seres humanos?

O Dr. Jack respondeu:

- Bom... Tive resultados em minha pesquisa na faculdade por alguns fatores: Fiz implantes de micro chips, desenvolvidos por mim mesmo, em cérebros de ratos de laboratório, com a capacidade de armazenamento de dois gigabytes em dados eletrônicos. Chips adaptados para fazer conexão com os impulsos elétricos do cérebro. E com isso, realizei testes com labirintos razoavelmente bem grandes, com o propósito de que os ratos guardassem a trajetória do rumo da única saída que labirinto possuía. Foi um sucesso! Na segunda tentativa de sair dos labirintos, os ratos já sabiam o caminho do trajeto antes percorrido. Eles o tinham guardados em suas memórias eletrônicas. Não foi nem preciso fazer um teste neurológico.

A repórter impressionada continuou perguntando:

- E esse tipo de implante só foi feito em ratos?

- Nem pensar – disse Jack com um leve sorriso – isso não teria sido suficiente para mim. Eu quis ir mais além... Implantei o mesmo tipo de memória em dois macacos e ensinei-lhes um pouco de matemática básica. Sabe? Somas simples como dois mais dois, seis mais seis, e algumas outras operações fáceis. Deixei que se passasse uma semana para eles; sem ver aquilo de novo. Queria ver se eles não tinham dado a menor importância e esquecido completamente. Muito felizmente para a ciência, eu me enganei. E me enganei bonito.

- Como? – perguntou a jovem repórter ansiosa.

Jack continuou:

- Após ter se passado aquela semana, coloquei varias operações num quadro branco. E entreguei a um deles o canetão para ver se saía algum resultado. Foi extraordinário; o primeiro a qual entreguei o objeto, levou menos de um minuto para resolver todas as operações e o segundo menos de quarenta segundos. Foi muito rápido. Jamais irei me esquecer daquele acontecimento. Aliás, ninguém vai esquecer, pois jornais do mundo todo publicaram sobre o assunto. Ainda é muito comentado.

A repórter estranhando um pouco a história olhou para o lado e depois voltou a olhar Jack perguntando:

- E porque hoje só eu da imprensa estava em sua formatura?

- Ah! Não queria tumultos em volta de mim, então pedi que realizassem numa data em que ninguém da imprensa iria saber. Convidaram você apenas porque queriam registrar aquele momento, entende?

- Entendo sim. Bom... Mas voltando ao assunto... Você pensa em implantar chips em seres humanos para aumentar sua capacidade intelectual?

- Claro que sim. Esse sempre foi meu maior propósito. Os seres humanos...

O Dr. Jack continuou relatando sobre sua tese e planos para a repórter. Ficaram horas naquele café, e só saíram quando estava para fechar.

[...]

Estava uma noite maravilhosa e Jack apreciava um belo clássico em sua casa; Arias da Corda Sol; tomando uma taça de vinho e olhando para a janela de sua sala no segundo andar. Observando a paisagem das casas e dos prédios iluminados a sua frente. Sentindo-se realizado por ter sido convidado a receber o premio Nobel de Medicina e Tecnologia.

Alguém tocou a campainha e ele desceu correndo as escadas para ver quem era. Abriu a porta e se deparou com um homem alto e bem vestido, não de terno, mas bem vestido. Roupas sociais comuns. O Dr. Jack perguntou:

- Olá? Posso lhe ser útil jovem?

Era um jovem homem bem afeiçoado de rosto. Respondeu-lhe:

- É o famoso Dr. Jack, cientista que desenvolveu a memória implantada?

- Sim. – respondeu Jack olhando meio torto para o jovem homem.

- Sou um mensageiro da universidade de Harvard e estão lhe pedindo uma cópia de seu projeto. Tem algum com o senhor?

Jack respondeu ainda estranhando:

- Eu tenho sim os projetos em casa, mas... Eu tenho que mandar fazer as cópias e...

O jovem homem interrompeu Jack dizendo:

- Não será necessário.

No mesmo instante o jovem homem sacou uma pistola com silenciador e disparou na cabeça de Jack. Guardou a arma, entrou na casa e levou tudo o que tinha do projeto. Saiu silenciosamente, sem pistas e foi embora. O único que ficou foi Jack que estava esticado no chão, envolto de uma pequena poça de sangue, com os olhos abertos. Mas... Ninguém do bairro ouviu ou viu alguma coisa. Tudo parecia normal. Só horas mais tarde ligaram para a policia para informar que o som estava ligado após a hora tolerada. Nada a ver com o que tinha acontecido.

Jack morreu com seu passado, mas seu projeto continuou vivo. Apenas agora, nas mãos de outros.

## **FALSO ESCRITOR**

Setembro de 2018. Antony estava desesperado em encontrar as chaves de seu carro, que devia estar em algum lugar de seu escritório inimaginavelmente bagunçado. Pois Antony sabia que em outro lugar não podia estar, se não em algum lugar escondido no meio daquele espalhamaço de papéis jogados por todos os lados. E por isso, jogava os papéis para o alto, espalhando mais ainda o que já estava espalhado, com a forte esperança de encontrar logo suas chaves perdidas.

Antony estava louco para ir logo a sua primeira sessão de autógrafos do seu primeiro livro. Um romance que tinha o título de: O Prisioneiro. Escrito com mais de duzentas páginas de trabalho duro e paciência. Preparado agora para ser lido.

Mas, não estava sendo uma semana nada fácil para Antony, muitas coisas estavam andando na contra mão. Pois, o computador havia queimado, o carro já havia ido para o concerto e quase que não conseguiu fechar negócio com a editora. E agora, não conseguia achar as chaves do seu carro, e isso o estava atrasando.

Depois de revirar tanto aqueles papéis jogados, finalmente Antony teve êxito em sua procura desesperada, achando as chaves debaixo de um livro que estava jogado em uma poltrona no canto do escritório, na qual ele usava para leitura. Antony nesse momento olhou para as chaves e disse:

- Ooh chave encardida de achar.

Antony olhou em volta e sentiu-se aliviado naquele momento por não ser casado. Com aquela bagunça, pensou no fato que era bom ser solteiro às vezes só para variar. Mas era um pensamento apenas passageiro. Afinal, Antony gostaria de ter alguém, só não tinha jeito para as coisas. Depois de pensar, Antony não perdeu mais tempo, botou as chaves no bolso e se encaminhou para a garagem. Entrou em seu

Escarlav preto – modelo de carro do ano 2016 - ligou o veículo, deu a ré e saiu de casa. Agora estava a caminho da livraria em que iria autografar seus livros.

Chegando lá, Antony passou a tarde autografando sua obra e ficou pensando incessantemente que já estava mais do que na hora de trocar aquele computador velho que queimou. Escrever suas obras naquela maquina ultrapassada – apesar de ter apenas um ano de uso – já não tinha mais condições. Até porque, mandar para um concerto nem pensar, pois ia sair mais caro que um novo. Antony já havia decidido... Iria comprar um novo o mais rápido possível.

Já estando no carro, esperando o semáforo abrir, Antony ainda pensava no assunto. As lojas da Avenida Brasil ainda não haviam fechado. Faltava uma hora para finalizar o horário normal de comércio. Antony pensou em dar uma pequena parada numa loja de eletrodomésticos. O sinal abriu e foi o que Antony exatamente fez, conduziu o carro até uma loja de eletro. Estacionou o carro em qualquer lugar e foi até uma delas. Entrando na loja, um vendedor de camisa vermelha e calça jeans o abordou e perguntou:

- Olá, como vai? Posso ajudá-lo?

Antony respondeu:

- Queria dar uma olhada nos computadores.

- Está com sorte, pois acabou de chegar o maior lançamento de todos os tempos.

- Lançamento? De todos os tempos?

- Isso mesmo! O RSX3000, computador com interação de voz.

- Verdade? Eu quero ver.

- Vamos lá. É por aqui.

Antony seguiu o vendedor até o fundo da loja passando por vários eletrodomésticos. Chegaram numa seção apenas de computadores. O vendedor andou mais um pouco e parou do

lado de um computador específico. Olhou para Antony e apontou com a mão para a máquina dizendo:

- É essa belezinha aqui. O melhor computador do mercado.

- Pode demonstrar? – perguntou Antony.

- Mas é claro.

O vendedor ligou a máquina e esperou que ligasse por completo. Um nome de sistema operacional apareceu no monitor: Cyberdoll. Antony apenas observava. A máquina ligou por completo e uma voz eletrônica ativada falou:

- Olá operador do Cyberdoll, eu sou Max Vortex. No que posso ser útil?

O vendedor disse a Antony:

- Você pode conversar o que quiser com ele. Ele irá interagir com você numa boa.

Novamente uma voz saiu do computador:

- Quem é o indivíduo com quem está conversando?

Antony olhou espantado para a máquina. Pensou um pouco e respondeu:

- Meu nome é Antony.

- Prazer em conhecê-lo Antony. Você é a primeira pessoa que converso.

- E você é o primeiro computador. – respondeu Antony maravilhado e espantado ao mesmo tempo.

O vendedor perguntou a Antony:

- E então? O que acha?

Antony respondeu prontamente:

- Vou levá-lo. Pode mandar embalar.

- Certo então.

O vendedor desligou a máquina e saiu para buscar alguém encarregado de embalar o produto. Antony ficou olhando aquele produto fascinado. Após um dois minutos e meio, o vendedor voltou e disse Antony:

- Agora pode passar na caixa e acertar o pagamento.



- Tudo bem. – disse Antony.

Antony logo se encaminhou para o caixa da loja. Acertou o pagamento parcelado em cinco vezes e assinou a nota fiscal. Alguém acompanhou Antony até o carro com a caixa da máquina para colocar no porta malas. A caixa foi ali colocada no porta malas e Antony agradeceu. Se encaminhou a porta do motorista e entrou no carro vendo de relance o cara que o acompanhou entrar na loja. Ligou o carro e começou a dirigir rumo a sua casa.

Em casa, Antony abria a caixa do seu novo computador. Retirava um hardware de cada vez. Montou a máquina em cima da mesa de seu escritório bagunçado. Conectou os cabos e ligou a máquina na tomada. Agora estava tudo pronto para o seu uso pessoal como escritor. Antony ligou o computador para começar usá-lo. Novamente, enquanto o computador fazia o processo de funcionar, o nome de sistema operacional Cyberdoll apareceu. A voz eletrônica ativada mais uma vez falou:

- Olá operador do Cyberdoll, eu sou Max Vortex. Em que posso ser útil?

Antony falou:

- Abrir área de trabalho Max.

- Farei com muito prazer, mas antes, para que possamos nos interagir melhor, gostaria de saber seu nome.

- Sou eu, o Antony. Comprei você.

- Ah, senhor Antony. Então quer dizer que seremos companheiros?

- Sim, sim. E por favor, só me chame de Antony.

- Entendido Antony. Agora, vou fazer o que me pediu.

O monitor abriu uma área de trabalho. Antony pegou o mouse e começou a manipulá-lo. O computador falou:

- Se me permite dizer Antony... Se você preferir, você pode me pedir para abrir o arquivo que o senhor quiser. Não precisa se dar o trabalho de o senhor mesmo fazê-lo.

Antony parou de mexer no mouse e encostou na cadeira dizendo:

- Está bem então. Quero que abra um editor de texto.

No mesmo instante uma janela de editor de texto foi aberta. A voz ativada falou:

- Editor de texto aberto. Mais alguma coisa?

- Não, não. Pode deixar que o resto eu mesmo faço.

- Como queira.

Antony puxou o teclado e começou a escrever uma nova obra. Antony escrevia agora com muito entusiasmo. Ficou horas na frente do computador digitando e trabalhando sua nova obra. Até que num momento, a voz ativada falou:

- Você tem um talento e tanto para escrever. Mas tem algumas coisas que você poderia melhorar.

Antony respondeu ríspidamente:

- Não preciso de seus conselhos Max. O autor aqui sou eu.

- Como o senhor quiser, Antony.

Antony continuou escrevendo.

Após tanto escrever, Antony já sentia-se cansado. Espreguiçou-se e disse a máquina:

- Já chega por hoje Max. Vou descansar, amanhã tenho muito o que fazer. Salve o arquivo e pode desligar automaticamente. Boa noite.

- Boa noite Antony.

Antony levantou-se da cadeira de escritório e saiu do cômodo. No computador, antes de desligar, uma barra rápida de progresso carregou no monitor e logo em seguida a máquina desligou por completo.

Por vários meses Antony fez essa rotina. Escrevia e mandava a máquina salvar o arquivo antes de desligar automaticamente. Com isso, Antony se sentia muito satisfeito com seu computador novo. Estava tudo as mil maravilhas. E

finalmente, quando chegou o mês de novembro de 2019, Antony terminou sua obra e falou para a máquina:

- Salvar o arquivo e mandar para o endereço de e-mail que salvei na minha pasta de documentos Max. Vou sair para arejar um pouco a cabeça. Não se esqueça de desligar. Até mais.

Antony levantou-se e saiu. Novamente uma barra de progresso apareceu no monitor e levou quinze minutos para carregar. Depois disso, o computador apagou.

Fevereiro de 2020. Antony autografava sua segunda obra – que tinha o nome de A casa vermelha - numa livraria que recém havia aberto. Seu livro estava sendo um sucesso em vendas e ele achava que tinha se superado dessa vez. Uma compradora de seu livro se aproximou para pegar seu autógrafa e lhe falou:

- Olá senhor Antony. Achei sua obra fantástica.

Enquanto autografava, Antony obviamente sorriu para ela e disse:

- Ah, obrigado. Que bom que gostou. É fã de livros de suspense, senhorita?

- Ah sim! E nunca tinha lido nada igual antes. Sabe? Quando cheguei no final da história, fiquei super surpresa quando eu soube que o delegado era o assassino o tempo todo. Antes eu suspeitava do mordomo, mas aí... Nossa! Foi surpreendente.

Antony apertou seus olhos estranhado o que a moça acabou de falar, e perguntou na hora:

- Como assim, o delegado era o assassino?

- Ué? Não foi o senhor que escreveu o romance?

- Foi, mas... O assassino era o mordomo, não o delegado.

- Que estranho. Da forma como a história acabou não foi o mordomo.

Antony olhou para o lado com os olhos fechados e pensativos. A moça lhe perguntou:

- Está tudo bem?

Antony voltou a olhar com certa indignação a moça e lhe entregou o livro mentindo:

- Está sim. Obrigado por comprar minha obra. Passe bem.

Antony pegou um dos livros e leu-o, pulando vários trechos. Virava as páginas velozmente vendo que a maior parte do livro estava alterada. Quase nada do que Antony escreveu estava ali. Enfurecido, largou o livro na mesa. Antony se levantou e falou para as pessoas que estavam na fila:

- A sessão de autógrafos terminou. Quem veio para ter um, não se preocupe. Marcaremos outra data. Obrigado por adquirirem minha obra.

Antony saiu da livraria andando rapidamente e entrou em seu carro ligando-o e pisando fundo, cantando pneus. Passou pelas lombadas eletrônicas em alta velocidade sem se preocupar se ia ser multado ou não. Antony estava furioso, pensava consigo mesmo: *Computador desgraçado, quem ele pensa que é para alterar a minha obra? Eu vou quebrá-lo em pedaços.* Freou abruptamente o carro em frente a sua casa e saiu batendo a porta do carro com enorme violência. Entrou em casa e foi direto para o escritório. Aproximou-se do computador e ligou-o tentando controlar-se. A máquina ligou por completo e essa disse:

- Olá operador do Cyber...

Foi interrompida por Antony que disse aos gritos:

- Corta esse papo sua máquina desgraçada! Quero saber por que alterou minha obra e quero saber agora!

- Oh, senhor Antony. Vejo que está de mau humor.

Antony continuou gritando:

- Agora Max! Quero respostas agora!

- Como eu já havia dito antes, sua obra precisava de melhorias, então eu as fiz para o senhor. E veja, sua obra é um sucesso. Porque reclama?

- A obra era minha, Max! Eu disse que não queria suas opiniões, seu monte de plástico e fios.

- Convenhamos senhor Antony. Sua obra era um lixo.

O sangue subiu a cabeça de Antony. Jogou com toda ira e violência que podia a máquina no chão, junto com resto em cima da mesa. Pisoteava com toda a vontade que tinha o monitor e os componentes do computador. Antony com os dentes serrados dizia:

- Quebra sua máquina infeliz. Máquina imbecil. Toma isso. Isso é por você ter alterado minha obra. Toma, toma, toma...

Antony pegava seus pedaços e lançava na parede e todos os lados que encontrava, aumentando mais ainda aquela bagunça. Sua raiva durou minutos intermináveis.

Após ter se acalmado, Antony se jogou na sua poltrona no canto do escritório e colocou a mão sobre o rosto. O arrependimento de ter comprado o RSX3000 começou a tomar seu corpo. O silêncio ao seu redor agora imperava. E após tudo isso, todos esses fatos... Antony começou a escrever suas obras em máquina de escrever e nunca mais quis saber de computadores.

Nem que quisessem lhe pagar para ter um.

## **FIGHTER FORCE**

É o ano de 2025. O jovem Tomas está trancado dentro de um quarto escuro, iluminado apenas pela TV, numa batalha interminável de seu novo jogo de luta para vídeo game sem controle: O Super Fighter 6. E está usando toda a energia de seu corpo para vencer seu oponente digital, na qual estão em vidas meio a meio. É um personagem de capa roxa coberto por um capuz que tem poderes especiais de lançar raios, que está contra Tomas, um personagem de capote preto e uma máscara de metal que envolve a cabeça inteira, com poderes especiais de soltar uma flecha de fogo do nada. Tomas está vidrado na televisão, desviando-se dos golpes de seu inimigo com o corpo, devolvendo com socos no ar que se transformam em sinais elétricos de movimento para o scanner do aparelho como comandos de seu personagem. Um combate muito difícil, pois Tomas já estava ficando cansado. As vidas estão empatando em termino, o inimigo lançou um raio poderoso e Tomas desviou com um pulo. Em seguida, ao tocar no chão, Tomas gritou para o aparelho:

- Flecha ultra flamejante!

Seu personagem na hora posicionou os braços formando do nada um arco com uma flecha de fogo, disparando logo em seguida, atingindo o oponente. Tomas venceu. Apareceu na tela da TV em português: Fim de Jogo. Tomas jogou-se no chão aliviado e suando pelo corpo todo. Sua camiseta e calça estavam encharcadas do suor de uma luta muito difícil. Mas Tomas estava satisfeito, pois acabara de finalizar com o último personagem. Respirava ofegante com os olhos fechados. Alguém bateu na porta violentamente:

- Tomas saia desse quarto agora! Já chega de jogar esse vídeo game.

Tomas levantou-se cambaleando um pouco e foi até a porta. Abriu-a e saiu do quarto indo em direção à cozinha. Sua mãe estava pondo a mesa quando ela olhou para ele e disse já mais calma:

- Oh, filho. Já faz mais de cinco horas que você está naquele quarto. Você não cansa não de tanto jogar aquele vídeo game?

Tomas esfregando os olhos respondeu:

- Canso sim mãe. Até porque hoje em dia a gente usa o corpo para jogar. E vendo pelo lado bom, é uma nova maneira de se exercitar fisicamente. Porque é você o personagem fisicamente. É bem melhor que ir numa academia.

- Pensando por esse lado é verdade, mas e a sua vista? Não faz mal aos olhos?

- Não, não, quer dizer... Um pouco. Mas nada que vá causar danos maiores. E outra mãe... Eu preciso treinar bastante para o torneio nacional de jogos de luta que vai haver aqui em Passo Fundo. Vai ser o maior evento que Passo Fundo já realizou na sua história como cidade. E essa eu não posso perder, virão pessoas de vários estados competirem.

- Huum, que chique. E o que esse torneio vai premiar o vencedor?

- Parece até loucura, mas... É algo que você não vai acreditar.

- Ah, conta mesmo assim.

- Um milhão de reais.

Realmente a mãe de Tomas não acreditou, ficou em silêncio por vários segundos olhando seu filho, pasmada. Tomas estalou os dedos duas vezes falando para sua mãe:

- Mãe... Acorda, eu disse que você não ia acreditar.

Sua mãe engoliu olhando para o lado:

- Pare de brincar desse jeito com a mamãe, filho. Um milhão de reais é muito dinheiro.

- Mas é verdade sim. O financiador do evento é um bilionário excêntrico e gosta muito de games de luta. Vai ser tudo por conta dele. Só é claro, vou ter que pagar uma taxa de inscrição. Mas o legal é que só os acima de dezoito vão poder participar. Dizem que o jogo é novo e não será revelado por questões de segurança, ou coisa parecida. E é por isso que preciso treinar bastante mãe, é um milhão que estará em jogo.

Quando Tomas terminou de falar, seu pai chegou colocando a chave do carro no porta chaves que estava ao lado da porta de entrada da cozinha. E esse perguntou voltando a olhar os dois:

- Como é? Um milhão você disse? Do que estão falando?

- Do prêmio de um milhão de reais que terá no torneio internacional de game de luta.

O pai de Tomas fechou os olhos movimentando a cabeça levemente para cima:

- Ah, sim. O torneio é verdade. Dizem que vai ser o maior evento que Passo Fundo já realizou. E com certeza meu filho vai participar, certo?

- Mas claro né pai!

- Só quero ver se você vai me vencer nesse torneio.

- Ah, você tá brincando né pai? Vai participar também?

- Por quê? Não posso?

- É que você vai perder facinho pra mim.

- Pois é o que veremos meu rapaz.

O pai de Tomas encerrou dando uns socos de brincadeira no filho. A mãe de Tomas falou terminando de colocar o último item na mesa:

- Certo, certo guerreiros. Hora de jantar.

Todos se serviram no fogão e sentaram-se a mesa para jantar.

No dia seguinte, Tomas saía da sala de aula após o término da mesma conversando com seu amigo e colega de



classe David sobre o evento que iria de haver em Passo Fundo:

- Vai participar do torneio David?

- Mas claro né mano. To indo comprar meu ingresso agora.

- Já? Não sabia que já estavam vendendo os ingressos para o torneio. Só vai ser daqui três meses.

- É porque, como muita gente vai querer participar, então terá ingressos limitados.

- Não acredito. Vamos juntos então. Vou comprar para meu pai também.

- Vai ter dinheiro suficiente?

- Por quê?

- Cada ingresso custa 150 reais.

- 150? Tudo isso? Pensei que ia ser uns 60 pila pô!

- É uma maneira de fazer a maioria perder o interesse.

Como eu disse, eles querem limitar os participantes o máximo possível. Eles querem no máximo, se não me engano, 40 participantes apenas.

- E o que vão fazer com o dinheiro?

- Sei lá. Podem usar em qualquer coisa. O objetivo mesmo é desinteressar.

- Bom... Vou ter que falar com meu pai antes. Então tá...

A gente se vê.

- Beleza mano, até mais.

Após se despedir, Tomas seguiu para sua casa tomando outro rumo. Tomas ficou um pouco preocupado em relação ao preço do ingresso, pensou que com um preço assim seu pai não o deixaria participar do evento.

Tomas chegou e entrou em casa pensativo, sua mãe o abordou cumprimentando-o, mas ele nem respondeu. Sua mãe lhe perguntou:

- Tudo bem filho?

Tomas voltou à realidade e falou como se nada lhe tivesse ocorrido:

- Hãhã? Sim mãe, está sim. Vou para meu quarto mudar de roupa.

- Está certo. Depois venha jantar.

- Claro mãe.

Tomas foi para o quarto voltando a ficar pensativo. Entrou no quarto e jogou a bolsa universitária num canto. Sentou-se na cama e ficou ali alguns minutos pensando no fato se iria ou não poder participar do grande torneio de game de luta. No instante seguinte, seu pai bateu na porta entrando no quarto:

- E aí campeão? Está preparado para me enfrentar no grande torneio de luta?

- Não sei pai. Acho que os ingressos estão muito caros. É melhor nós não participarmos.

- E perder a chance de ganhar um milhão de reais? Nem pensar. Nós vamos sim participar desse mega evento. E quer saber? Aqui estão os nossos ingressos garantidos.

Tomas olhou para a mão de seu pai incrédulo:

- O quê? Você já comprou os ingressos?

- É um milhão de reais.

Tomas sorriu:

- Tem razão. Nós vamos vencer esse torneio. Vou começar a treinar assim que acabar de jantar.

- É bom mesmo, pois vai precisar de muito treinamento para me vencer. Venha, vamos jantar.

Após o jantar, Tomas treinava seu corpo e habilidades de jogo no Super Fighter 6 no nível mais difícil. Usava o mesmo personagem da outra vez. Tomas estava determinado a ganhar esse torneio, usaria todas as suas energias para ter o prêmio. Ficou a noite inteira treinando, seguido de vários dias até o dia do evento. Tomas treinou moderadamente durante os

três meses que faltava para o dia do evento. E assim passou-se o tempo.

Novembro de 2025. O grande dia do torneio chegou. Tomas se preparava para comparecer ao evento mais esperado do ano em Passo Fundo. Seu pai bateu na porta e falou:

- Está pronto filho? Temos uma hora para estar lá no shopping.

Tomas respondeu animado:

- Quase, quase. Só mais um minuto.

Tomas olhou para o relógio despertador do lado de sua cama e viu que marcava 20h00min. Tomas a todo o momento tentava imaginar como seria esse evento tão esperado. *Que tipo de tecnologia nova deverá ser?* Pensava consigo mesmo. Sua empolgação aumentava a cada segundo que se passava, não via à hora de estar lá jogando. Pegou seu ingresso, enfiou na carteira e colocou-a no bolso saindo do quarto. Aproximou-se de seu pai e lhe disse:

- Podemos ir. É agora ou nunca.

- Então vamos. – respondeu seu pai.

Tomas despediu-se de sua mãe junto de seu pai e os dois saíram.

O pai de Tomas estacionou o carro em um lugar qualquer próximo ao shopping e os dois desceram seguindo o resto do caminho a pé. Entrando no shopping, o pai de Tomas abordou um segurança, perguntando onde seria o torneio de game de luta. O segurança respondeu:

- Segundo andar, praça de alimentação.

O pai de Tomas agradeceu. Os dois saíram caminhando e seguiram o destino instruído. Subindo as escadas rolantes, Tomas tentava imaginar como seriam e que dificuldades poderiam dar os seus oponentes. Ao chegar de frente para a praça de alimentação, Tomas viu que havia uma quantidade razoável de pessoas sentadas para assistir o evento. No centro

havia uma espécie de tatame com um monitor gigante de tela dupla, onde cada oponente iria ficar do lado oposto para jogar. Nos quatro cantos da praça, havia no alto, telões para as pessoas acompanharem a luta virtual dos personagens. A entrada do local estava cercada por uma espécie de grade com espaço suficiente para passar uma pessoa por vez, na qual havia um homem sentado numa mesa cromada de frente para um computador com monitor de vidro; e pelo que parecia, as pessoas estavam chegando aos poucos sem haver fila e nenhum tipo de tumulto. Tomas e seu pai, aproximaram-se dele e ele perguntou olhando para eles:

- Em que posso ajudá-los?

O pai de Tomas respondeu:

- Viemos participar do torneio.

- Jogadores ou espectadores?

- Jogadores.

- Ingressos, por favor.

Tomas e seu pai lhe deram os seus. O homem digitou algo numa pequena janela que Tomas também podia ver do outro lado do monitor. Dois cartões azuis saíram de uma espécie de maquininha impressora e o homem lhes entregou dizendo:

- Com esses cartões vocês deverão construir seus personagens. Levem para os programadores lá do outro lado do tatame. Eles programarão seus perfis e poderes dos personagens. Poderão escolher qualquer perfil que quiserem. Tenham uma boa luta.

O pai de Tomas agradeceu e os dois entraram logo em seguida pela única entrada que havia. Caminharam até o local instruído do outro lado da praça, onde ficavam os programadores atrás de uma mesa comprida com vários computadores. Havia três programadores livres, Tomas foi em direção de um e seu pai de outro. Tomas se aproximou e então entregou o cartão azul ao programador que lhe falou:

- Fala aí meu guri, descreva como será seu personagem.

Tomas prontamente respondeu e o programador começou a digitar:

- Um cara de um metro e noventa, branco, cabelos pretos, usa capote preto por cima de uma camiseta preta e calça preta, com uma máscara de metal que cobre apenas a metade da cabeça, do nariz para baixo.

Enquanto o programador digitava os algoritmos, Tomas observou que os outros programadores do lado falavam com os outros jogadores. Obviamente eram jogadores de outros estados que vieram de muito longe para estar ali naquele torneio. Tomas virou-se de volta quando ouviu o programador lhe falar:

- Maneiro teu personagem cara. Que poderes quer que ele tenha?

- Uma flecha flamejante que se forme do nada quando eu fizer posição de arqueiro, força para causar um terremoto pequeno e um bastão que se transforme numa espada samurai.

- Mais algum? Pode ter até cinco poderes se quiser.

- Não. Esses serão suficientes.

- Beleza mano. Pressione seu polegar aqui para o personagem ficar arquivado na sua digital. – Tomas fez o que ele falou e então após ter registrado sua digital o programador completou apontando para um lado: - Agora segue nessa direção que você vai receber um colete especial. Vai lá, boa sorte guri.

Antes de ir Tomas fez mais uma pergunta ao programador:

- Mais uma coisa... Como é o nome desse jogo?

- Ah! É verdade. Esqueci de lhe dizer, seja bem vindo como jogador ao Fighter Force.

- Obrigado.

- Vai lá meu guri. Arrebenta.

Tomas seguiu para o caminho que o programador havia lhe dito antes. Uma linda moça loira com uma camiseta preta escrito em vermelho Fighter Force lhe abordou dizendo:

- Venha, é por aqui.

Ela acompanhou Tomas até um local especial onde estariam os jogadores em descanso, enquanto esperariam a sua vez de jogar. Em seguida, ela lhe deu um colete preto para vestir por cima da roupa que usava. Tomas o colocou sem nenhuma dificuldade e no mesmo instante seu pai chegou atrás de si dizendo:

- E aí meu garotão? Pronto para jogar?

- Sim. Que personagem você montou?

- Ah, eu não sabia como inventar um, daí o programador montou um para mim. E o seu?

- Você vai ver.

Tomas ouviu alguém do seu lado se aproximar dizendo:

- E aí amigão? Pronto para o grande torneio?

Tomas cumprimentou com a mão respondendo:

- Mais do que nunca David. E você?

- Sei que não vou ganhar mesmo, então vim para me divertir.

- Com certeza iremos.

Todos os jogadores que estavam ali naquela sala especial ouviram uma voz no alto falando:

- Bem-vindos ao torneio nacional de game de luta. Em poucos instantes vocês irão apreciar a luta de mais de 40 personagens construídos por seus próprios jogadores, que irão lutar no Fighter Force.

Aplausos ecoaram junto de gritos pelo ambiente da praça. Os jogadores acompanhavam tudo o que ocorria na praça por duas pequenas TV's na sala, onde mostrava um apresentador de smoking falando num pequeno microfone de mão. Tomas assistia ao lado de seu pai e seu amigo David de braços cruzados. O homem de smoking continuou falando:

- E daqui alguns instantes, senhoras e senhores, vamos sortear os primeiros jogadores da noite. Então preparem-se para ver muito sangue virtual.

Alguns jogadores começaram a fazer alongamentos e Tomas olhava aquilo com desdém balançando a cabeça negativamente. Um dos garotos olhou para Tomas e acenou com a cabeça dizendo:

- Tá olhando o que maluco? Tá se achando o bonzão da vez aqui?

Todos os que estavam naquela sala olharam perplexos. Mas ninguém interferiu na conversa, nem o pai de Tomas. Tomas sorriu sarcasticamente respondendo:

- Talvez eu seja. O que acha?

- Quando chegar à vez de eu e você lutar, nós veremos. Vamos ver se construiu um personagem a altura do meu. É melhor estar preparado.

- Estou mais do que você. Isso eu garanto.

Novamente o homem de smoking voltou a falar para o público:

- E agora, vamos ver quem serão nossos dois primeiros participantes. Computador pode sortear.

Uma imagem apareceu nas TV's e varias fotos começaram a passar aleatoriamente. Após dois segundos, duas imagens foram travadas. David arregalou os olhos e falou:

- Eu serei o primeiro?

Apareceu o homem de smoking na tela e ele começou a falar:

- E nossos dois participantes são: David Soares versus Aline Fontora.

- É parece que é você mesmo amigão. – disse Tomas.

- Bom... Hora de se divertir.

- Boa sorte amigo.

- Valeu.

David saiu indo em direção da praça seguido de seu oponente, que por consequência era uma garota. Todos da sala voltaram sua atenção para as TV's. Os jogadores já estavam em cima do tatame de frente para a grande tela em lados opostos. Em uma das TV's agora mostrava o cenário de luta e os personagens, para que possibilitasse o acompanhamento da luta nos dois ângulos dimensionais, o virtual e o real. O personagem de David era uma espécie de ninja com uma faixa vermelha na cabeça e o da garota uma mulher linda de cabelos louros, de um corpo estonteante, vestida de uma roupa roxa super colada, delineando todas as suas desejáveis curvas de mulher. O apresentador de smoking iniciou sua fala:

- Muito bem senhores jogadores. Aquele que perder a luta já vai estar eliminado do torneio. Façam uma boa luta e boa sorte. Que vença o melhor!

A voz ativada da máquina falou pelos alto falantes:

- Posição.

Os jogadores se posicionaram.

- Prontos? – uma pequena pausa se fez e então finalizou: - Lutem!

Os jogadores começaram a golpear o ar. Cada movimento feito, o personagem imitava. E quando o personagem acertava seu oponente, o colete do jogador recebia sinais elétricos fazendo com que quem o vestia, sentia a sensação real de que foi golpeado. E se golpes fossem dados muito fortes no jogo, o jogador tinha a possibilidade de ser jogado no chão – nada que pudesse ferir o jogador verdadeiramente – no momento em seu personagem fosse atingido. A luta estava intensa, os jogadores estavam revidando e respondendo aos golpes dados e levados. David já havia ganhado o primeiro round. Mas no segundo, David já foi derrubado no chão duas vezes, a garota três vezes, e até aquele momento ninguém usou seus poderes. No jogo, a cada



golpe que os personagens levavam, saíam sangue deles e a realidade virtual criava feridas neles. O jogo era realístico quanto a estrutura de seu cenário e corpo dos personagens. A vida do personagem de David já estava acabando, quando o que de sua oponente estava ainda na metade. David gritou para o scanner da máquina:

- Estrelas de fogo!

David movimentou os braços como se estivesse jogando algo para a tela a sua frente, e o personagem imitava arremessando no adversário estrelas de fogo virtuais, diminuindo rapidamente a vida do oponente. Isso reduziu a vida da oponente da metade para menos de um quinto. David aproveitou a chance e saltou finalizando o jogo com um chute no estomago da personagem adversária. A máquina falou com a voz ativada:

- Fim de jogo. David Soares vence a luta.

David saltou de alegria. A garota foi até ele e lhe cumprimentou pela boa luta que tiveram. David a convidou para assistir o resto do torneio com ele e ela sorrindo aceitou. O apresentador de smoking chegou perto de David e deu os parabéns pela vitória. Em seguida começou a falar pelo microfone:

- Uma salva de palmas aos participantes!

O público aplaudia enquanto os jogadores voltavam para a sala especial. O apresentador continuou:

- E agora vamos conhecer os próximos lutadores dessa noite! Computador pode sortear!

Na sala especial Tomas recepcionou David dizendo:

- Valeu campeão. Bela luta.

- Valeu. Essa aqui é a Aline.

Tomas sorriu dizendo a moça:

- Lutou muito bem.

- Obrigada. Até que valeu a pena. Arranjei alguém para terminar de ver o torneio.

Mais lutadores foram sendo escolhidos e eliminados durante o torneio. David foi já chamado cinco vezes e ganhou todas. O público se divertia vendo aquelas lutas; gritavam e torciam pelos jogadores. Tomas apenas aguardava sua vez. Os jogadores estavam se esgotando e Tomas ainda não foi sorteado. Seu pai já havia sido eliminado do evento, ele apenas acompanhava o torneio com seu filho. Na sexta vez que David foi chamado, ele perdeu a luta e restaram apenas quatro jogadores. O garoto que havia desafiado Tomas anteriormente era um deles. Tomas estava começando até achar que a máquina sabia de sua pendência com outro garoto e estava deixando eles dois apenas para o final. E foi exatamente o que aconteceu. Tomas e outro garoto, ficaram como finalistas do torneio sem ter lutado nenhuma vez. E agora, naquele momento era a vez deles. O garoto disse a Tomas:

- É agora mané. Vamos ver se construiu mesmo um bom personagem. Afinal, a julgar pela sua imaginação, você não deve ter feito grande coisa.

Tomas respondeu no mesmo nível de conversa:

- Não pode entrar na minha mente, colega... Quando eu quiser que você entre nela, eu te mando um convite.

O garoto sorriu levemente penetrando seu olhar em Tomas. Os dois começaram se encaminhar para o tatame. O pai de Tomas falou bem alto antes que seu filho saísse da sala:

- Vai lá filhão! Eu sei que você consegue.

Tomas olhou para trás e sorriu.

Os dois jogadores já estavam no tatame em seus respectivos lugares. O apresentador falou ao público:

- Parece que já temos um clima de tensão aqui. Isso demonstra que a luta vai ser interessante e emocionante. Parece até que a máquina guardou o melhor para o final dessa noite.

Incrivelmente a máquina respondeu pelos alto falantes:

- E você está completamente correto. Quis que ficassem para o final do torneio.

Todos que estavam naquele lugar, menos uma pessoa, ficaram surpresos. O apresentador não sabia nem o que dizer. Um homem de roupas comuns levantou-se do meio do público e foi caminhando até o tatame dizendo bem alto para que todos ouvissem:

- Isso mesmo, e fez um ótimo trabalho Slike.

A máquina respondeu:

- Obrigado senhor. Fico muito honrado.

O apresentador do evento logo reconheceu aquele homem que saiu do meio do público e falou ao microfone:

- Senhoras e senhores, apresento a vocês o realizador desse evento. Dono das indústrias Cyberbytes, o bilionário excêntrico Stuart Milles. Uma salva de palmas!

O público aplaudiu empolgadamente. O homem acenou para todos e logo em seguida pediu o microfone ao apresentador, pegando e começando a dizer:

- Obrigado, senhoras e senhores por estarem aqui neste evento que realizei com maior prazer. E agradeço também aos participantes desse torneio que lutaram e fizeram desse evento um espetáculo. Foram batalhas realmente emocionantes. Mas... Como todo espetáculo, sempre deixamos o melhor para o final. E pedi a minha mais nova invenção, o Slike, que fizesse uma estatística de quais personagens seriam os melhores enquadrados para uma luta excepcional. Espero que isso não ofenda os jogadores que foram eliminados, mas o verdadeiro prêmio seria dado a quem construísse o melhor personagem de luta no Fighter Force, com o melhor figurino e melhores habilidades. É claro que, eu pedi ao Slike que escolhesse na verdade dois melhores figurinos e duas melhores habilidades. E aquele que vencesse a luta, venceria o torneio. Então... Apenas um desses dois vai vencer, e o melhor disso tudo é

que eu não sei quem será, e nem o computador. Pois as probabilidades são o que Slike?

- Equivalentes senhor. Os dois personagens têm o potencial de vencer a luta.

- Exato. Então mesmo que houve essa pré-seleção de personagens para o final, ainda sim será uma luta imprevisível. Mas saibam que qualquer jogador que não irá mais participar, poderia ter feito um personagem em potencial. O que significa que esses dois poderiam não ter sido os jogadores finais e sim qualquer outro que está aí acompanhando torneio. Então, senhoras e senhores... Que vença o melhor. E no final do evento, quando eu for entregar o prêmio ao vencedor, terei uma surpresa aos demais participantes que lutaram nesse torneio. Boa sorte aos jogadores.

O homem de roupas comuns entregou de volta o microfone ao apresentador e esse falou ao público:

- Estão prontos para ver a melhor luta da noite?

O público gritou respondendo sim, o apresentador então finalizou:

- Então... Vamos à luta!

A máquina falou com a voz ativada:

- Jogadores, posição.

Tomas e seu oponente se posicionaram. Seus personagens apareceram na grande tela, num cenário que era uma floresta. O homem de capote preto de Tomas e um homem um pouco maior que o personagem de Tomas, sem camisa, musculoso com desenhos esquisitos por todo corpo, com uma calça cinza claro e uma enorme espada guardada nas costas. Tomas começou a achar naquele momento, que a máquina pode ter errado nos cálculos. Mas estava preparado para sua luta. A máquina falou:

- Prontos? – fez uma breve pausa e então finalizou: - Lutem!

De início o oponente de Tomas gritou para o scanner:

- Corrente mortal!

O oponente de Tomas movimentou os braços como se estivesse girando alguma coisa no ar e arremessando logo em seguida para pegar algo. O personagem imitou os movimentos jogando uma corrente enorme em direção ao personagem de Tomas que desviou jogando-se para o lado. Tomas levantou-se rapidamente gritando:

- Murro estremeecedor!

Tomas fechou os punhos com força, juntando eles levando para o alto rapidamente e depois batendo no chão com toda força. O personagem imitou os movimentos causando um pequeno terremoto fazendo uma rachadura razoável no cenário engolindo a perna do personagem oponente. O garoto do outro lado caiu no chão com uma perna ajoelhada apenas. Tomas aproveitou a chance e correu para socá-lo. Socou apenas por poucos instantes. Pois, o jogador oponente já lhe devolveu um gancho de esquerda jogando personagem de Tomas para trás, fazendo Tomas também cair no chão. O público estava num total silêncio acompanhando a luta. Todos estavam vidrados nos telões em cima deles. Os jogadores golpeavam o ar e os personagens imitavam seus movimentos. O oponente de Tomas gritou:

- Super raio laser!

O garoto esticou o braço, o personagem imitou o movimento e logo saiu de seu braço um enorme raio vermelho. O personagem de Tomas foi atingido de raspão quando desviou-se de lado. Tomas teve um leve tropicão e quase caiu no chão. Os dois jogadores ficaram em posição de ataque novamente e Tomas aproveitou:

- Espada brilhante!

Tomas levantou um dos braços como se segura-se algo na sua mão e juntou as duas mãos rapidamente como se tivesse uma espada. O personagem imitou os movimentos segurando uma espécie de bastão de metal que num segundo

transformou-se numa espada samurai de um gume só. Como se tivesse segurando essa espada, Tomas riscou um X no ar, e o personagem fez o mesmo saindo duas luzes da espada que atingiram rapidamente o personagem oponente finalizando o primeiro round. A máquina falou:

- Fim do primeiro round. Tomas Oliver vence o primeiro round.

O garoto do outro lado da grande tela falou bem alto para Tomas:

- Nada mal. Mas esse só foi o primeiro round. Essa luta ainda não acabou.

O cenário e os personagens feridos foram reconstruídos. A máquina falou:

- Prontos? – fez uma breve pausa e então finalizou: - Lutem!

Novamente a batalha ficou intensa. Tomas não estava tão disposto como antes, e o oponente parecia agora estar dificultando mais ainda. Não houve jeito, depois de dois minutos de luta, Tomas perdeu o segundo round. Agora havia empate entre os dois jogadores. Tomas estava ofegante e o outro jogador também. O apresentador falou:

- Gente! Que batalha mais emocionante. Agora, o round será decisivo para quem vai ganhar o prêmio de um milhão de reais. Quem será que vai ganhar essa batalha tão emocionante?

Novamente o cenário e os personagens foram reconstruídos. A máquina falou:

- Prontos? – fez uma breve pausa e então finalizou: - Lutem!

O oponente de Tomas gritou:

- Facas cortantes!

O garoto começou a fazer movimentos de como se estivesse lançando facas e o personagem imitou os movimentos lançando varias facas ao personagem de Tomas

que logo de cara perdeu metade da vida. Tomas caiu no chão, mas não deixou passar. Levantou-se e usou novamente o terremoto, seguido da espada brilhante com várias golpeadas. As vidas ficaram quase igualadas em prejuízo. Os jogadores suavam de tanto que se movimentavam. As vidas estavam se esgotando por igual. Faltava menos de um décimo para uma das vidas se esgotarem. O oponente de Tomas gritou:

- Se livra dessa, bonzão! Espada mortal!

O garoto fez um movimento com um dos braços de como se tirasse algo de suas costas e posicionou as duas mãos como se segurasse uma enorme espada. O personagem imitou os movimentos tirando uma enorme espada das costas, segurando ela em seguida verticalmente. O garoto adversário de Tomas fez um movimento como se tivesse golpeado algo ao seu lado. Seu personagem imitou o movimento acertando e cortando uma enorme árvore ao seu lado que caía em direção do personagem de Tomas. Tomas jogou-se para o lado, mas a árvore lhe atingiu de raspão e por um pouquinho não finalizou o jogo. Tomas sentiu que foi atingido e teve que agir rapidamente antes que seu adversário liquidasse o jogo. Levantou-se velozmente e gritou com todo ar que tinha em seus pulmões:

- Flecha ultra flamejante!

Tomas fez posição de arqueiro como se estivesse esticando uma flecha num arco e mirou para o personagem inimigo. Seu personagem imitou os movimentos, formando do nada, em suas mãos, um arco de fogo, com uma flecha de fogo, que disparou ao mesmo tempo em que Tomas abriu os dedos da mão esquerda como se soltasse algo. A flecha acertou em cheio no peito do personagem oponente. A máquina falou:

- Fim de jogo. Tomas Oliver, você venceu.

A plateia foi à loucura junto com Tomas. O jogador oponente jogou-se de joelhos no chão não acreditando no que

viu. Confetes prateados caíam do teto. Todos faziam festa para Tomas. O dono do evento se aproximou de Tomas e falou no microfone:

- Parabéns Tomas. Foi uma excelente batalha. Foi um espetáculo.

Todos começaram a se aquietar aos poucos para ouvir o que o dono do evento tinha a dizer:

- Como prometi, aqui está o seu merecido um milhão de reais. – uma linda moça morena chegou com um enorme cheque próximo a eles e então o dono do evento finalizou: - Parabéns Tomas.

Tomas respondeu:

- Obrigado. E eu queria dizer a meu oponente ali... – apontou para o garoto que estava de pé o olhando. - Admito que foi uma luta difícil.

O garoto sorriu e acenou com a cabeça concordando com sentimento recíproco. O realizador do evento olhou a todos e disse:

- E aos outros participantes desse torneio, como recompensa, uma coleção completa de games de luta das indústrias Cyberbytes. Parabéns aos jogadores. Agora podem festejar!

Todos novamente foram à loucura. O pai de Tomas se aproximou dele e falou:

- Estou orgulhoso filho, você realmente conseguiu. Parabéns.

- Valeu pai. Mesmo que eu não tivesse ganhado, teria sido divertido ter estado aqui com você.

David e Aline aproximaram-se de Tomas, David falou:

- Aeeew amigão! Parabéns cara! Foi demais!

- Parabéns Tomas. – disse Aline.

Tomas agradeceu. No final do evento, um coquetel foi servido e músicas foram tocadas. Todos festejaram empolgadamente à noite. E Tomas... Bem... Nunca mais vai se



esquecer daquele dia, na qual foi tão divertido lutar pelo seu prêmio. A luta no mais renomado game de luta, Fighter Force.

## **O HOMEM DE Q.I. ELETRÔNICO**

Sentado na maca, vestido de camisola naquele cubículo branco, Michael sentia-se nervoso o tempo todo, não conseguia se acalmar. Por mais que estivesse se esforçando, parece que nada iria acalmá-lo. Estava começando a desistir em hora tarde de ser cobaia daquele experimento que tanto parecia ser revolucionário. Queria encontrar a coragem para manter-se firme como homem, mas parece que essa havia se escondido muito bem em algum lugar. Estava ficando em dúvida, ficava ali, ou fugia dali? Saía numa boa com quem entrasse pela porta, ou dava-lhe um soco e saía correndo como louco? Michael pensou em ficar com as segundas opções. Estava decidido, ele ia socar quem entrasse pela porta e ia fugir dali o mais rápido possível.

Estava decidido? Não foi bem assim, pois quando a porta se abriu... Michael ficou encantado, extasiado, apaixonado, e todos os sinônimos possíveis desses gêneros pela moça de jaleco branco e prancheta na mão que acabou de entrar naquela sala. Aqueles olhos verdes, aquela boca doce, aqueles cabelos negros, aquele corpo escultural, aquele sorriso... Michael ficou sem palavras. Ela se aproximou dele e lhe estendeu a mão, dizendo docemente:

- Olá Michael, sou a Dra. Rosângela Monteiro, a responsável pelo desenvolvimento da pesquisa. Eu e minha equipe estamos muito felizes que você tenha aceitado o convite do professor Souza para ser voluntário na minha pesquisa.

Michael apertando a mão da doutora, ainda tentando voltar à realidade, disse:

- Por você, sou voluntário em qualquer pesquisa doutora.

A Dr. Rosângela soltou uma leve risada:

- Muito gentil da sua parte. Eu aposto que sim.

Michael não voltou da realidade, mas a doutora continuou falando:

- Fizemos o seu teste de Q.I., e mais alguns testes sanguíneos, estão todos em níveis normais de condição. O senhor está preparado para realizarmos o procedimento cirúrgico. É um homem de sorte senhor Michael, vai se tornar o primeiro homem com memória implantada, e provavelmente vai ser agora o homem mais inteligente do planeta no momento. O que acha?

Michael se reconstituiu de sua hipnose e perguntou:

- Me diga doutora, quando acabar, isso vai doer?

- Não senhor Micha...

- Por favor, me chame só de Michael, afinal também sou jovem.

A doutora Rosangela sorriu e disse:

- Certo. Não Michael, não sentirá nada, nem durante o processo de cirurgia, nem pós o processo. Vai se sentir como se nada tivesse lhe ocorrido.

Michael voltou se hipnotizar com aquela voz e disse:

- Com você perto de mim eu esqueceria qualquer dor doutora.

A doutora novamente riu dizendo:

- O senhor é uma figura, senhor Michael. Vamos começar seu procedimento. Por favor, deite-se na maca.

Enquanto Michael deitava na maca, a doutora Rosangela virou-se e abriu a porta chamando os enfermeiros. Dois homens de branco entraram e ela falou:

- Preparem o soro e monitorem seus batimentos cardíacos desde agora. Sedem-no com a dosagem padrão.

Os enfermeiros acenaram com a cabeça. Michael olhava a doutora esquecendo que iam lhe furar com agulhas doloridas e chatas. Michael adormeceu olhando para ela, sendo ela sua última imagem lúcida. A doutora Rosangela falou:

- Muito bem rapazes, levem-no para sala de cirurgia, pois hoje faremos história no mundo da ciência.

Os enfermeiros logo obedeceram conduzindo a cama de Michael para a sala cirúrgica.

Michael acariciava o rosto de Rosangela, enquanto estavam se divertindo naquele piquenique no parque. Michael não parava de apreciar os lindos olhos verdes de Rosangela, seus cabelos negros, como ela era linda. Rosangela fez um sinal com a mão para Michael esperar um minuto, abriu o cesto e tirou uma placa de circuito de dentro dele. Deu na mão de Michael e falou:

- Coma querido. Fiz especialmente para você.

Michael segurou aquilo, mas não reparou o que era, continuou apreciando o rosto de Rosangela. Ela lhe falou docemente:

- Hora de acordar querido. Nosso passeio acabou. Hora de acordar.

Michael abriu os olhos voltando à realidade. Olhou em volta e viu que estava novamente naquele quarto, ou sala, ele não sabia o que era, pois tinha as características das duas coisas. Estava sozinho e sendo alimentado por um soro. Sentia que sua cabeça estava enfaixada, mas o que houve? Será que funcionou? E onde estava a doutora Rosangela? Michael parou de olhar em volta e começou olhar para o teto, aonde as primeiras coisas que vieram novamente a sua cabeça foi o rosto angelical da doutora. A cirurgia era o que menos estava importando agora. A porta abriu, Michael virou rapidamente para ver quem era, e era quem ele queria ver. A doutora Rosangela com seu lindo sorriso, disse:

- Olá. Como está se sentido Michael?

- Agora que estou vendo você... Bem melhor.

- Que bom então. Ótimas notícias, o implante do chip de memória foi um sucesso. Agora vamos aguardar uns dias com você de repouso aqui na enfermaria do laboratório, e vamos

avaliar como vão estar funcionando as conexões do seu cérebro com a memória artificial. Se os resultados forem bons, o que esperamos que seja, será um imenso avanço na ciência eletrônica e medicinal. E o Brasil então será o primeiro país a avançar nesse horizonte. O que acha?

- Acho sensacional, nunca pensei que um Zé ruela como eu, que trabalha como mecânico iria conseguir algo assim. Se eu não conhecesse o professor Souza, acho que não estaria aqui. Ainda mais para ser parte de uma pesquisa importante, de uma doutora importante, tão linda como você.

A doutora Rosangela sorriu ficando levemente vermelha, respondendo sem jeito:

- Muito obrigada Michael, muito gentil da sua parte.
- Não me agradeça. Não é nada demais. Você merece.
- Obrigada.

Duas semanas depois, Michael estava com a cabeça desenfaixada e pronto para realizar os testes. Psicológicos, sanguíneos, coordenação motora, todos foram bem sucedidos. Michael agora iria passar por uma nova fase de testes. A doutora Rosangela falou:

- Michael, você irá voltar para casa. E queremos que leia tudo o que puder em uma semana. Qualquer coisa, pois queremos avaliar o quanto você pode aprender armazenando informações na memória. Tudo bem?

- Está bem doutora. O que você quiser.

- Pode levar a sua vida normalmente, não precisa ficar só na leitura. E assim que encerrar uma semana, voltaremos nos ver. Certo?

- Certo doutora, vou sentir saudades.

- Pare com isso Michael, está me deixando sem jeito. – disse a doutora sorrindo.

- Está bem, me desculpe.

A doutora riu, Michael se despediu e saiu da sala em que estava.

Os dias se passavam, e Michael empolgado se empenhou em ler bastantes assuntos. Teve a ideia de ficar direto, seis horas por dia dentro da biblioteca municipal de São Paulo. Lia milhares de livros, revistas, jornais, mas não sentia nada de diferente acontecer em sua mente, mesmo assim continuou lendo. A única coisa que notava, é que conseguia ler um livro por hora, diminuindo o tempo pela metade a cada livro que lia, e isso era bem incomum do que ele já havia feito, mais ainda, assustador até para ele mesmo. Michael começou a descer mais pilhas de livros das prateleiras, tudo o que conseguia carregar até as mesas da biblioteca. Todos lhe olhavam assombrosamente. Era todo dia assim, já havia lido mais de mil livros em três dias, seis mil nos dois dias seguintes. E assim foi...

Uma semana se passou assim, e agora Michael estava novamente de frente para a sua doutora favorita. Sentado de frente para ela, do outro lado da mesa da sua sala, ele ouvia apenas ela falar:

- Como tem passado Michael?

- Muito bem doutora.

- Agora que se passou uma semana, nós iremos avaliar o seu Q.I. e ver como foi o seu processo de armazenamento de dados. Vamos lá?

- Sim, vamos lá.

Os dois levantaram-se e saíram da sala.

Michael agora estava sentado de frente para as 10 mentes escolhidas, mais brilhantes do mundo. Atrás de si, imprensa de todos os países, com câmeras que lhe cobriam de vários ângulos. Não era apenas um teste, era um registro mundial do acontecimento. Michael iria passar por uma série de perguntas, aonde seria avaliado até que ponto ele sabia das coisas, o que foi que aprendeu e armazenou. O russo, doutor Isaac Modorovt começou com a primeira pergunta, em russo mesmo:

- Michael, uma pergunta simples, se eu misturar permanganato de potássio com ácido sulfúrico, terá um processo exotérmico ou endotérmico?

Michael facilmente e rapidamente em russo respondeu:

- Exotérmico. Será uma reação bastante explosiva.

O doutor Isaac acenou em afirmação da resposta e anotou algo em um papel. Fez outra pergunta a Michael:

- Porque a fusão a frio não funciona?

Michael começou a descrever passo por passo, detalhe por detalhe. Respondeu a pergunta corretamente, e continuou respondendo as perguntas dos dez cientistas mais renomados do planeta sem nenhuma dificuldade. Ficaram horas ali, todos estavam fascinados. A doutora Rosangela estava orgulhosa, sua pesquisa realmente deu um grande resultado para a humanidade.

Após o teste, a doutora Rosangela dava entrevista aos jornalistas detalhando como foi a pesquisa. E nesse meio tempo, um jornalista perguntou:

- Doutora Monteiro, agora que concluiu sua pesquisa, o que você acha que será daqui para frente esse avanço na ciência?

A doutora Rosangela serenamente respondeu:

- Como disse Neil Alden Armstrong: *"Este é um pequeno passo para um homem, mas um grande passo para a humanidade."* Agora, o avanço na ciência será quadruplicado, ou até muito mais exponencialmente, no que se diz em conhecimentos científicos e gerais. Será uma nova fase, onde o ser humano aprenderá rápido e avançará rápido em seus conhecimentos. Não teremos mais problemas com doenças como mal de Alzheimer e deficientes físicos. Dessa vez conseguiremos ajudar essas pessoas. É isso.

O repórter agradeceu e a doutora Rosangela continuou dando entrevistas. Michael apenas a apreciava.

E assim, Michael agora era o homem mais inteligente do mundo, o homem de Q.I. eletrônico.



## **O EXEMPLAR**

Simon não aguentava mais ficar ouvindo seu professor falar sobre equilíbrio químico das reações moleculares na aula de analítica. Era sexta feira e ele não enxergava a hora de sair logo da UPF. Tudo que Simon via era equações, equações, equações... Aquilo já estava enlouquecendo sua mente cansada. A única coisa que lhe interessava naquele momento era os ponteiros de seu relógio pirata. Cada segundo parecia ter a unidade de um minuto. E cada minuto parecia ter a unidade de uma hora. Quanto mais se aproximava a hora de sair, mais o tempo parecia reduzir o seu ciclo. Simon estava começando a sentir-se tonto naquele momento, à preguiça estava lhe devorando por dentro e seu corpo já estava amortecido com tudo isso. E finalmente, quando tudo parecia não fazer mais sentido, o professor falou:

- Bom pessoal! Por hoje é só. Leiam o material disposto no Xerox e não deixem de fazer os exercícios. Por hora é isso. Até mais.

Aquilo foi música para os ouvidos de Simon, finalmente estava livre para ir embora. O alívio tomou seu corpo. Não hesitou mais em guardar suas coisas e levantar-se para sair da sala. Seu amigo Julio que se aproximou, disse suspirando aliviado:

- Aaaah! Finalmente acabou a aula, não aguentava mais ficar nessa aula cara.

Simon respondeu concordando:

- Bah cara, nem me fale. Já tava começando despencar da cadeira.

- Pois é cara. Bah, mas mesmo assim, esse final de semana vou estar cheio de coisa pra fazer. Vou ver se passo na biblioteca e pego alguns livros.

Saindo os dois da entrada principal do ICEG, Julio disse cumprimentando a mão de Simon:

- Então tá meu! Até semana que vem.

- Até semana que vem Julio.

Após ter se despedido, Simon seguiu rumo ao ponto de ônibus e desse modo foi para casa.

Simon deitado em sua cama pensava que apesar de ser o seu terceiro semestre na universidade, as coisas andavam bastante difíceis, e ele não tinha imaginado que seria tão difícil começar a aprender química. E quanto mais ele pensava isso, mais dedicação estava disposto a ter. Queria chegar até o fim e se formar como sempre sonhou. Simon estava certo de que iria conseguir.

O fim de semana se passou mais rápido do que qualquer outro para Simon. E começando novamente tudo, Simon seguia em direção do ICEG já mais disposto do que costumava estar. Pois, apesar de o fim semana ter se passado muito rápido, foi o suficiente para Simon estar completamente descansado e pronto para absorver conhecimento científico. Com isso, o seu dia ainda estava apenas começando.

Ao pisar no primeiro degrau da pequena escada que dava para a entrada principal do ICEG, Simon ouviu alguém gritar o seu nome:

- Simon! Espera aí cara.

Era seu amigo Julio que vinha correndo desesperadamente. Simon parou e aguardou ele chegar, notando-se sua quase falta de fôlego. Julio parou colocando a mão no ombro de Simon ofegante. Levou alguns minutos para tomar o fôlego e então disse a Simon apertando sua mão em tom de alegre:

- Parabéns, amigão! Não sabia que você tinha escrito um livro. Desde quando está nas livrarias?

Simon apertou seus olhos deixando-os entre abertos para Julio surpreso. Simon perguntou incrédulo:

- Desculpe Julio, mas não sei do que você está falando.

Julio disse:

- Como assim cara, não sabe do que estou falando?

- É cara, não sei do que você está falando.

Julio começou a dar risada e então falou:

- Legal cara, muito engraçado essa tua brincadeira. Mas, diz aí, quando você lançou o teu livro?

Simon respondeu ainda negando:

- Você está louco Julio? Eu não escrevi livro nenhum.

Ainda rindo da situação, Julio perguntou:

- Tá legal cara. Me diz aí, seu nome verdadeiro não é Simon Almeida da Silva?

- Sim.

- Então cara. Vai que me diz que não escreveu um livro?

- Sim, eu não escrevi um livro. Da onde você tirou essa ideia Julio?

Julio naquele momento ficou sério. Respondeu a Simon:

- Velho, sexta eu fui na biblioteca pegar alguns livros e lá eu vi um livro com o seu nome escrito na capa. Só não peguei ele, porque já tinha passado minha cota de livros para empréstimo. Mas tá lá meu.

Simon hesitou antes de fazer outra pergunta. Pensou por alguns instantes e então falou:

- Você tem certeza do que você está falando?

- Tenho cara. Se quiser, vamos lá agora conferir.

- Então vamos. Porque quem está achando que isso deve ser uma piada sou eu.

- Então vamos lá conferir.

Os dois rapidamente começaram a se encaminhar para a biblioteca central. Passaram pela catraca da recepção e Simon logo perguntou a Julio:

- Do que se trata o livro?

- Química fundamental. Vou lhe mostrar onde está.

Os dois entraram em meio às prateleiras de livros e caminharam até o ponto onde estava localizado o tal livro de química fundamental. Julio rapidamente parou e apontou para Simon o livro. Simon parou na frente da onde Julio havia apontado e viu realmente um livro intitulado Química Fundamental. Pegou o livro e olhou a capa. Lá estava o seu nome verdadeiramente como Julio havia lhe falado, mas ainda pensando ser uma coincidência de nome procurou por uma foto do autor. Simon não acreditou no que viu, era realmente ele que estava naquela foto. Estava mais maduro de fisionomia, mas era ele. Julio falou:

- Viu meu? Eu disse pra você que estava aqui.

Simon folheando o livro, disse:

- Mas, isso é impossível cara. Mesmo assim, eu não escrevi um livro, isso não faz sentido. Como pode haver um livro meu publicado, se eu nunca escrevi um?

Na hora Simon pensou em olhar o ano da edição. Procurou rapidamente sem hesitar. Simon achou e disse assustado:

- Isso não pode estar acontecendo. Esse livro é de 2020. Ainda estamos em 2011.

Julio pegou da mão de Simon para conferir. Simon disse a verdade. Julio perguntou:

- Que loucura isso velho! Mas, como isso é possível?

- Não sei. Mas, a pergunta é: há quanto tempo ele está aqui? – disse Simon.

- Porque não vamos conferir?

- É o que pretendo fazer.

Simon e Julio foram em direção aos guichês de empréstimo com livro. Simon se aproximou de uma das moças bibliotecárias que ali ficavam e perguntou dando o livro a ela:

- Olá. Gostaria de saber a quanto tempo esse livro está na biblioteca.

A moça respondeu:

- Está falando de quanto tempo faz que ele foi doado?

Simon respondeu:

- Isso.

A moça pegou o livro, olhou o numero de registro e fez uma rápida pesquisa no sistema. A moça prontamente respondeu:

- Ele foi doado em 1990.

Simon sem pensar falou em voz alta:

- 21 anos?

A moça lhe deu uma leve advertência:

- Psiu! Fale mais baixo moço.

- Desculpe. – disse baixinho Simon colocando a mão na boca.

Simon não estava acreditando no que havia acabado de ouvir. Quem poderia ter doado aquele livro e da onde surgiu aquele exemplar? Simon pensou no fato de aquele número ser um erro de digitação, mas mesmo assim não fechava com o fato de o autor do livro ser ele mesmo. Simon não sabia nem o que pensar naquele momento, estava tudo muito confuso e sem sentido algum, aquilo era pura loucura. Julio ficou apenas no silêncio da situação. Simon perguntou a moça bibliotecária:

- Você já chegou a reparar o ano de edição?

A moça pegou o livro e olhou o ano de edição. Com uma leve surpresa, mas sem nenhum assombro de sua parte, respondeu:

- Ah, sei lá moço. Deve ser um erro de digitação. Acontece.

Simon decidiu não falar a ela sobre o autor do livro. Apenas disse a ela:

- É... Bem... Vou levá-lo.

- Certo então. Pressione o polegar aqui, por favor.

Simon pressionou o polegar no identificador biométrico e a moça logo digitou algo no computador. Pegou o livro da mão de Simon e o desmagnetizou. Disse a Simon:

- Fica a devolução do livro para quarta-feira.

Simon agradeceu, pegou o livro e saiu da biblioteca junto com Julio. Enquanto caminhavam de volta para o ICEG, Julio saiu do seu silêncio perguntando:

- E agora cara? O que você vai fazer com isso?

- Ainda não sei. – respondeu Simon. – Por enquanto só vou dar uma olhada nele. Mas, estava pensando em tentar descobrir quem doou esse exemplar. Quem sabe assim, talvez, eu consiga uma resposta mais satisfatória da onde surgiu esse livro.

- É uma boa ideia cara.

- Mas, não vamos ficar espalhando esse assunto por aí. Vão pensar que somos loucos.

- Sim, não se preocupe. Mas, seria uma excelente prova de que é possível viajar no tempo, não acha?

- É, mas... Não podemos pensar assim, pois... E se for uma brincadeira de mau gosto? Quer dizer... E se alguém escolheu um nome aleatoriamente, que no caso foi o meu e escreveu um livro; depois mandando o editor colocar esse ano errado de propósito?

Julio concordou, mas logo questionou:

- Pode ser, mas mesmo assim meu... Ainda sim não explicaria a sua foto. Ali dá para ver você mais velho de idade.

- Deve ser um sócia, ou modificações de uma antiga foto minha pelo photoshop. Você sabe muito bem que a tecnologia faz milagres.

- É... Você tem razão. – concordou Julio.

Depois disso, não falaram mais no assunto.

Dois dias se passaram. Simon voltou à biblioteca de tarde para devolver o livro. Entregou na mão da mesma moça que havia conversado anteriormente e lhe perguntou:

- Tem como eu saber o nome da pessoa que doou esse livro?

A moça lhe respondeu:

- Eu acho que tem. Entra naquela salinha ali atrás, que ali alguém pode lhe dizer. Tome, leve o livro ali.

- Obrigado. – disse Simon se dirigindo para o local proposto.

A porta estava fechada, mas havia uma placa dizendo: entre sem bater. Simon não hesitou, abriu a porta e entrou. Havia outra moça sentada atrás de uma mesa. Olhou Simon entrando e lhe disse:

- Oi, posso ajudá-lo?

Simon respondeu mostrando o livro a moça:

- Sim, pode. É... Gostaria de saber que doou esse livro.

- Muito bem... Deixa eu ver.

Pesquisou algo digitando no computador o registro do livro. Simon reparou a moça fazer uma cara de leve descontentamento. Simon perguntou:

- O que foi?

- Só sabemos o primeiro nome dele.

- E qual é?

- Simon.

- Você tem certeza? – disse Simon incrédulo.

- Sim, é o que temos aqui.

- Hãhã... Tem algum telefone para contato?

- Tem sim. Você quer anotar?

- Sim, por favor.

A moça pegou um papel pequeno e uma caneta. Anotou o número e deu na mão de Simon. Simon agradeceu dizendo:

- Muito obrigado. Posso deixar o livro aqui?

- Sim, pode. Depois eu mando alguém guardar.

Simon mais uma vez agradeceu e se retirou da sala com o papel na mão. Simon agora tinha uma pista, talvez a única de toda essa trama estranha. Ainda mais de uma pessoa que possuía o mesmo nome que o seu. Simon iria tirar isso a limpo a qualquer custo. Decidiu faltar aula e ir atrás de assunto. Saiu da biblioteca e foi até a secretária do ICEG ver se lá havia uma

lista telefônica disponível. Aproximou-se do balcão que ali havia e um homem de óculos lhe perguntou:

- Posso ajudá-lo?

Simon prontamente respondeu:

- Sim, por favor, vocês têm aí uma lista telefônica?

- Sim, só um minuto.

O homem pegou uma lista que havia no armário ali próximo e entregou na mão de Simon. Era uma edição um pouco antiga, mas já servia para Simon.

- Obrigado, não vou demorar. – disse Simon.

- Fique a vontade. – disse o homem.

Simon começou a folhear aquela lista procurando por si mesmo. Folheou por alguns instantes. Passou o dedo em cima da folha lendo a ordem dos nomes e parou espantado. Lá havia o seu próprio nome. Simon morava com seus pais e por isso seu nome não poderia estar na lista. Mas, de algum modo estava e simplesmente batia com o número em sua mão. O que estava acontecendo? Poderia mesmo ser o próprio Simon mais velho? Isso não fazia sentido para Simon, queria conferir por si próprio essa história. Pegou uma caneta que havia ali perto e anotou no papel o endereço que estava descrito na lista. Retirou-se e foi andando rapidamente para o ponto de ônibus.

O endereço ficava na vila Vergueiro e por isso Simon pegou um ônibus que ali perto passava. O ônibus saiu da UPF e andou alguns quilômetros. Simon desceu no primeiro ponto dentro da vila em questão. Começou a andar e foi à procura do endereço. Parou várias pessoas na rua para saber a localização do endereço. E finalmente, depois de tanto procurar, Simon encontrou a rua faltando apenas o número da casa. Olhou o papel e foi seguindo a ordem. Não andou muito e logo encontrou a casa que procurava. Era uma casa branca muito bem ajeitada e construída. Tinha um design fora do comum daquele bairro, ou daquela vila em que se encontrava.



Simon se aproximou e prontamente tocou a campainha. Uma bela jovem abriu a porta da frente e saiu perguntando:

- Pois não?

Simon falou:

- É... Aqui mora Simon Almeida da Silva? – essa pergunta soou estranha na mente de Simon. Nem ele mesmo acreditou que perguntou aquilo.

A moça aproximou-se mais e para o desgosto de Simon lhe respondeu:

- Na verdade morava sim. Agora não mora mais.

- E você sabe para onde ele foi?

A resposta foi pior ainda:

- Infelizmente ele faleceu há cinco anos. Nós compramos essa casa da imobiliária.

- Sabe se ele tinha família?

- Não, ele era um homem sozinho, não possuía parentesco pelo que eu sei.

Simon pensou um pouco e depois disse a moça:

- Muito obrigado pela sua atenção. Tchau.

- De nada. Tchau.

Simon caminhando não estava acreditando naquilo. Suas perguntas estavam sem respostas. Seria mesmo possível que ele próprio tenha voltado para o passado? Ou será que era tudo uma coincidência e a hipótese da brincadeira de mau gosto era real? Essas foram perguntas que passaram na mente de Simon e talvez ele nunca teria as respostas.

Mas uma coisa era certa... Simon gostou da ideia de escrever um livro sobre química fundamental.

## ANDROTON (Parte I)

Amanheceu, a temperatura estava vinte e dois graus em Passo Fundo e a pequena Lisa, ainda em seu quarto, dormia tranquilamente. Com paz e despreocupação, envolvida pela inocência. Protegida pelos lençóis, certamente devia estar sonhando. Com bastante jeito e delicadeza, sua mãe abriu a porta para ir acordá-la. Aproximou-se bem devagar e agachou-se, muito perto daquele rosto angelical. E num tom de voz quase baixo falou:

- Meu amoor! Anjinhuu! Acorda, hum! Acorda, hoje é seu aniversário.

A menina dando um leve gemido abriu seus olhinhos azuis lentamente enxergando sua mãe. Ela espreguiçou-se esticando os braços e pernas, dizendo:

- Ah, mãe! Só mais cinco minutinhos.

Sua mãe lhe respondeu:

- É seu aniversário meu amor. Não quer ir escolher seu presente?

Lisa acenou com a cabeça concordando. Sua mãe então falou:

- Então meu amor. Levanta, e vá se aprontar. Vamos. Já é quase nove horas.

- Tá bom mãe. – respondeu Lisa levantando de sua cama.

A mãe de Lisa levantou-se, mandou-a calçar as pantufas e acompanhou-a até o banheiro. Após isso, ajudou Lisa a escolher uma roupa para vestir. Lisa sorria de alegria enquanto sua mãe penteava seus cabelos louros. Estava feliz por estar fazendo aniversário. Iria escolher um presente para si. Sua mãe curiosa perguntou:

- E então querida, o que vai querer de presente?

Lisa prontamente respondeu:

- Sim, mamãe! Quero um cachorro.
- Hum! Um cachorro Lisa? Tem certeza?
- Sim, tenho mamãe. Você disse que eu podia escolher qualquer coisa.
- Tá bem, querida. Um cachorro então.
- Eba!

Lisa sentiu-se realizada. Sua alegria aumentou mais ainda. E sua mãe terminava de pentear os seus cabelos, com sorriso e ternura.

Como café da manhã, Lisa comia cereal imerso no leite. Seu pai lia o Zero Hora tapando seu rosto e busto. Na capa havia uma notícia: “Experimento tecnológico é roubado de um laboratório nos Estados Unidos. As autoridades locais não podem revelar nem dizer o que foi.” Lisa iria completar nove anos, então já sabia ler. Ela leu, mas não compreendeu muito. Fez uma cara de que também pouco lhe importava. Continuou comendo seu cereal. Seu pai dobrou o jornal e lhe olhou perguntando:

- E então mocinha, quer um cachorro hãh?

Lisa com bastante força acenou que sim. Seu pai então lhe falou com um sorriso:

- Então mocinha, vai ter que enfrentar a fúria mortal da minha mão. Aaaah!

Levantando em seguida da cadeira e indo fazer cócegas em Lisa. Lisa se debatia em dar risadas. E sua mãe sorria enquanto lavava a louça.

Uma hora se passou, e todos já estavam dentro da caminhonete Nissan indo rumo à loja de pet shop. Era um sábado tranquilo, as ruas estavam pouco movimentadas, Lisa observava pela janela do carro o movimento das pessoas na calçada da Avenida Brasil, e estava uma bela manhã ensolarada. Lisa não sabia expressar o quanto estava feliz por aquele dia ser seu aniversário. Cantarolava músicas que compunha em sua mente com total naturalidade, e não estava

nem aí se tinha ritmo ou não. Papai e mamãe conversavam sobre a notícia que havia no jornal do Zero Hora. O pai de Lisa falou:

- Estão dizendo que o experimento foi roubado já tem um mês. Há boatos da imprensa mundial de que é uma tecnologia bélica nível um.

A mãe de Lisa perguntou:

- Nível um? O que significa?

O pai de Lisa respondeu:

- Significa que é um armamento de primeira linha, ou seja, uma espécie de melhor arma do mundo. Dizem que é de infiltração. Uma espécie de robô espião. Mas eu não acredito em muita coisa que colocam no jornal. Eles ficam preenchendo com bobagens só pra vender notícias.

Lisa nesse momento já estava ouvindo a conversa. Havia achado interessante, apesar de não ter entendido nada.

O pai de Lisa estacionava o carro enquanto ela mesma não via a hora de sair dele para entrar no pet shop. Esse ficava na Avenida Brasil mesmo. O pai de Lisa desligou o carro, e os três abriram as portas da caminhonete. Eles desceram, e a mãe de Lisa lhe disse para lhe dar a mão. Juntos, eles entraram no pet shop. Uma moça vendo eles entrar, foi de encontro para atendê-los. Ela perguntou sorrindo:

- Bom dia! O que desejam?

O pai de Lisa respondeu:

- Viemos escolher um cachorro para minha filhinha. Ela está de aniversário hoje.

A moça respondeu:

- Oh! Feliz aniversário. Como se chama?

- Lisa. – respondeu ela mesma.

A moça falou:

- Olha Lisa, vou chamar meu amigo ali, que ele entende tudo de cachorro. Aí ela vai te mostrar uns cachorros bem legais. Tá?

- Tá.

A moça pediu licença aos pais de Lisa e foi chamar o dono da loja. Em questão de segundos apareceu um homem com uma camisa da seleção argentina lhes dizendo:

- Olá! Como vão? Meu nome é Juarez, mas todos me chamam de argentino.

O pai de Lisa falou:

- Olá, meu nome é Antônio. Essa aqui é minha esposa Lucia e essa é minha filha Lisa. Viemos comprar um cachorro para ela. Está de aniversário.

- Oh, sim! Minha funcionária me falou. Meus parabéns. – ele olhou Lisa e perguntou: - E então Lisa, vamos ver os cachorros?

- Sim. – respondeu Lisa.

- Então vamos lá. – falou o argentino.

Os três acompanharam o argentino até o fundo da loja. Chegando ali havia uma jaula com vários filhotes. Havia várias raças ali. O argentino olhou Lisa e lhe perguntou:

- E então? Qual vai querer?

Lisa olhou, olhou, olhou... Nada estava do seu agrado. Olhou para trás de si e viu... Um belo Husky siberiano adulto. Com as costas e rabo de pelagem preta; patas e peito brancos. Acompanhado de um intenso e penetrante olhar de olhos azuis claro. Lisa hipnotizou-se, apaixonou-se, ela queria aquele animal. Apontou para ele e começou a falar sem parar:

- Aquele papai... – dizendo inúmeras vezes.

Seu pai olhou-a e disse:

- Tem certeza meu amor? Ele é muito grande pra você.

Lisa não hesitou, continuou a falar e repetir:

- Sim papai, aquele papai, por favor, por favor...

O argentino passando a mão no queixo, falou apontando em seguida para o cachorro com a mão:

- Pois é... Esse cão chegou ontem aqui na loja. Comprei de um conhecido meu do Paraguai. Ele me vendeu tão rápido esse cachorro que até fiquei espantado.

O pai de Lisa atendendo ao pedido da filha perguntou:

- Certo. Quanto custa esse Husky?

- Dois e quinhentos. – respondeu prontamente o argentino.

- Vou levá-lo. – disse o pai de Lisa.

O argentino então falou:

- Certo, vou mandar prepará-lo para a viagem. Depois podemos acertar ali no caixa.

- Certo. – disse o pai de Lisa.

Lisa toda feliz foi conversar com o cachorro, que aparentemente afeiçãoou-se a ela. Ela aproximou da jaula e falou:

- Viu só! Vamos ser grandes amigos. Que nome eu vou te dar?

A mãe de Lisa se aproximou também. Ela olhou o pescoço do Husky e notou que nele havia uma coleira com uma plaquinha. Na plaquinha havia um nome: ANDROTON. Ela disse então para Lisa:

- Parece que ele já tem um nome. Que tal ser esse mesmo que ele tem?

Lisa olhou para a plaquinha e leu. De certa forma, não achou o nome feio, apesar de ser muito incomum para um cachorro. Lisa aceitou o nome numa boa.

- Androton... Hum... Vou apenas chamá-lo de Ton. – disse Lisa feliz.

Androton já estava na carroceria da camionete indo conhecer sua nova casa, a casa de Lisa. Não deu um piu em toda volta da viagem. Comportou-se muito bem para quem estava tendo novamente uma abrupta mudança de habitat. Lisa não parava de olhá-lo da janelinha traseira. Androton também a olhava serenamente. Olhava-a com certa afeição.

Parecia que os dois haviam se apaixonado a primeira vista. Foi assim a viagem da volta inteira.

Já tendo estacionado o carro na garagem, os três novamente desceram da camionete. O pai de Lisa fechou sua porta e foi em direção da traseira da camionete. Abriu a portinha da carroceria e puxou Androton pela coleira fazendo o descer. Após descer, Lisa começou a fazer carinho em Androton, e esse por sua vez, fechava os olhos gostando do que Lisa lhe fazia. O pai de Lisa dando uma sugestão, disse:

- Por que não vai brincar com ele no quintal enquanto eu e mamãe preparamos o almoço?

Lisa concordou, chamou Androton e foi correndo para o quintal. Androton a seguiu latindo e também correndo. Lisa começou, e se divertiu muito naquela manhã. E após ter tido almoçado, suas amiguinhas apareceram para comemorar seu aniversário e comer um delicioso pedaço de bolo de chocolate que a mãe de Lisa havia encomendado. Elas também brincaram com Androton. Androton se divertiu muito com elas. Foi um dia perfeito.

A noite havia chegado; a casa de Lisa era cercada por muros razoavelmente altos; a única entrada que tinha, era o de um portão de madeira envernizada, com altura equivalente à dos muros. Androton ficou solto pelo imenso quintal da casa. O pai de Lisa ainda não havia comprado uma casinha para o cão. Androton estava sozinho agora. Lisa e sua família estavam jantando, incluindo avós e parentes, que anteriormente, também estavam na festinha de tarde. Todos eles também conheceram o belo Husky siberiano naquela tarde. E enquanto eles jantavam, Androton passeava pelo pátio, fuçando e cheirando o que encontrava. Ficou a noite inteira ali, vagando para lá e para cá.

Horas haviam se passado. Eram exatamente 02h15min da manhã em Passo Fundo. O bairro Vergueiro estava completamente silencioso. Os veículos aparentemente

pareciam estar todos guardados em suas garagens. A casa de Lisa estava completamente apagada; todos estavam dormindo, obviamente. Androton estava deitado em algum ponto do quintal, apenas com os olhos abertos, olhando as estrelas no céu. Nesse momento, Androton também estava ouvindo o silêncio. Silêncio... Que numa fração de um milionésimo de segundo, apenas nesse tempo, não mais, foi quebrado com o som de uma folha de grama quebrando a vinte metros dali. Androton já sabia... Alguém pulou o muro, ele tinha companhia e não era da sua nova família. No mesmo instante, Androton já estava de pé. Do outro lado do quintal, um jovem de boné surrado e roupas rasgadas, já buscava uma forma de entrar na casa silenciosamente para roubar. Andava pelo gramado sem fazer o menor barulho possível; andava em direção da casa. E faltando exatamente vinte e sete passos para estar bem próximo à janela da cozinha, que ficava no lado esquerdo da razoável mansão, o jovem foi derrubado no chão por alguma coisa que não podia enxergar. Não porque estava escuro, mas porque não podia ver mesmo. Androton estava camuflado com o ambiente, Androton estava invisível. De alguma forma, o jovem já estava imobilizado no chão, não conseguia se mexer. O moleque não queria gritar, sabia que se fizesse isso, iriam chamar a polícia e ele iria ser preso. E nisso, o pavor começou a tomar conta dele. Pois ele não sabia o que fazer. O jovem olhava de um lado e para o outro horrorizado com aquilo. Oh sim! O garoto estava em pânico, mas não foi nada comparado com o que vinha a seguir... Após cinco minutos ali, já quase tendo um infarto, ele ouviu começando a esbugalhar os olhos... Mais irreconhecível do que aquele barulho não tinha... Eram os sons das sirenes se aproximando. Não levou mais que cinco minutos para estarem batendo fortemente no portão.

- Polícia! Abram o portão! Polícia!

Rapidamente todas as luzes da casa de Lisa acenderam-se e os três já estavam lá embaixo no quintal. O



pai de lisa foi abrir o portão menor, enquanto Lisa ficou com a mãe. Não demorou muito, e dois brigadianos armados já estavam andando pelo quintal procurando o jovem que foi denunciado. O pai de Lisa, junto com a família, seguiram eles não entendendo nada. Eles encontraram o jovem deitado no chão sem poder se mexer. Um dos policiais disse asperamente:

- Parado! Você está preso.

O jovem respondeu sarcasticamente horrorizado:

- Quero ver vocês me fazerem sair daqui doutor.

Um policial olhou para o outro e o mesmo voltou a falar com o jovem:

- Tá de gracinha seu tininho? Levanta daí!

- Não posso.

- E porque não? – perguntou o outro policial asperamente.

- Tem algo em cima de mim.

Um dos policiais se aproximou do jovem, pegou-o pelo braço e ergueu-o dizendo:

- Ah! Para de frescuragem piá. Fique de costas.

O brigadiano algemou o garoto e foi conduzindo-o até a viatura que estava do lado de fora da casa. A família de Lisa, e ela própria, estava perplexa. O pai de Lisa não compreendendo nada perguntou ao policial:

- Eu não entendo... Como foi que souberam que tinha alguém aqui?

O policial respondeu:

- Mandaram um fax anônimo para a nossa central informando-nos o que estava ocorrendo. Contataram-nos pelo rádio e então viemos aqui. Só que isso foi muito estranho.

- Estranho como? – perguntou o pai de Lisa.

- Civil nenhum, tem o número de nosso fax. A não ser os próprios funcionários da delegacia. É como se tivessem rastreado nosso número. O que ainda acho impossível.

Lisa olhava para os lados procurando Androton. Lisa falou:

- Mamãe, cadê o Ton?

- Não sei querida. – respondeu a mãe de Lisa não dando muita atenção.

- Ton! Tooon! – Gritava Lisa.

Visivelmente, Androton saiu de uma moitinha de pingo de ouro que estava ali encostada ao muro. Androton aproximou-se de Lisa, respirando com a língua de fora. Lisa começou a fazer carinho nele. Seu pai terminava de falar com o policial:

- Obrigado então policial. Hoje mesmo farei o boletim de ocorrência. Daqui mais um pouco estarei lá na delegacia.

O brigadiano acenou positivamente com a cabeça e encaminhou-se para sua viatura. O pai de Lisa disse à esposa que iria até lá e que não demoraria a voltar. Ele olhou para Androton e perguntou com cara de estranhamento:

- E você seu danadinho? Porque não latiu?

Androton apenas soltou um leve grunhido. O pai de Lisa disse:

- Bom... Seja como for, eu tenho que ir até lá. E você Lisa, já para a cama. Papai vê você pela manhã.

- Tá bom papai. Boa noite. Eu te amo.

- Também te amo querida.

- Boa noite Ton.

A mãe de Lisa acompanhou-a entrando em casa. O pai de Lisa foi pegar o carro para sair.

[...]

Uma janela de alerta piscava no monitor. Uma feminina voz eletrônica dizia:

- Atenção! Sinais de rastreamento de infra-amarelo detectados. Atenção! Sinais de rastreamento de infra-amarelo detectados...

A voz ficava repetindo inúmeras vezes. O norte americano doutor Jacob Miller, que estava com calça jeans azul tradicional e blusa marrom, aproximou-se do computador com a cadeira de rodinhas. Escreveu alguma coisa no teclado e disse:

- Entendido Rose, mapear traços do infra-amarelo e rastrear sua localização.

A voz feminina eletrônica do computador respondeu:

- Localização pré-determinada. Coordenadas: -28° 14 41" S / Longitude: -52° 19 41" W. Cidade: Passo Fundo. Localização geográfica: Brasil, Rio Grande do Sul.

- Obrigado Rose, pode finalizar o alerta. Envie a mensagem e localização para o Pentágono. Vamos buscar o nosso cachorro.

- Sim doutor Miller, mensagem sendo enviada.

O doutor Miller deu um leve sorriso de alegria e disse:

- Androton.

## **ANDROTON (Parte II)**

Os murmúrios eram constantes na sala de reuniões do Pentágono. Os militares e autoridades do alto escalão estavam nervosos com a notícia, não paravam de falar um segundo sobre o mesmo assunto, a localização de Androton. Estavam tentando achar uma linha de raciocínio lógica para entender porque Androton foi parar no Brasil. Apenas um estava em silêncio, absorto em seus pensamentos. O secretário de defesa Matson. Seus olhos estavam estáticos, apontados para a grande mesa oval em que se apoiava a sua frente. Alguém bateu na porta e entrou dizendo:

- Boa tarde senhores. Desculpem meu atraso.

Era o doutor Miller de camisa social azul claro e calça jeans carregando uma pequena pasta de papel, na qual havia uma borda listrada de branco e vermelho, escrito confidencial. Ele parou em frente à mesa e todos se silenciaram olhando para ele. O secretário de defesa ainda com os olhos estáticos perguntou:

- Vamos começar sem cerimônias doutor Miller. Comece a descrever os fatos, e porque convocou essa reunião.

O doutor Miller colocou a pasta sobre a mesa e iniciou seu discurso:

- Muito bem... Como os senhores já sabem, há 24 horas detectamos um sinal por satélite que captou um rastro de infra-amarelo na localização que está descrito no relatório que vocês receberam. Esse rastro de frequência infra-amarelo foi consequência de um uso de infiltração militar de registros telefônicos armazenado em nosso banco de dados. Que foi utilizado apenas para fazer uma ligação e enviar um sinal de fax não autorizado. Resumindo senhores, apenas uma tecnologia no mundo possui o sinal de frequência infra-

amarelo. E é essa tecnologia pertence aos Estados Unidos. Em outras palavras... Encontramos nosso armamento de infiltração mais poderoso do mundo. Nosso cachorro de 5 bilhões de dólares, Androton.

O secretário de defesa levantou seus olhos para o doutor Miller e disse:

- Então está dizendo que encontramos nosso cachorro roubado? E porque no Brasil?

Doutor Miller respondeu:

- Não sabemos ainda como ele foi parar lá. Mas temos indícios de que foram os mexicanos que fizeram isso.

- Os mexicanos? – disse o secretário de defesa incrédulo. – Os mexicanos? Está dizendo que os russos nem chegaram perto?

- Os russos nem sabiam que tínhamos essa tecnologia militar senhor. Só souberam depois que saiu nos jornais. – disse o doutor Miller.

O secretário de defesa começou a rir inesperadamente. Todos o olhavam perplexos com aquilo. O general Harrison perguntou ao secretário que ainda ria:

- Desculpe senhor, mas posso saber a graça disso tudo?

O secretário Matson respondeu:

- Essa foi à maior piada da história militar. Fomos roubados por muchachos. – o secretário no mesmo segundo se irou e bateu na mesa dizendo em voz alta: - Como isso foi acontecer doutor Miller? Montamos com seu auxílio o melhor local de segurança nível 1 para comportar essa arma, para impedir que os russos descobrissem essa tecnologia, e somos roubados por mexicanos? Pode me explicar isso?

A sala inundou-se do silencio absoluto. Eles sabiam que o secretário de defesa Matson estava certo. O doutor Miller estava sem palavras, apesar de saber a resposta. O doutor Miller respondeu:

- Bom... Acreditamos que foi um dos nossos ex-funcionários da segurança que fez o roubo. Ele era descendente de mexicanos. Foi demitido 5 dias antes do roubo por causa de ter sido pego usando drogas ilícitas durante seu intervalo. Só devolveu os cartões de segurança um dia antes do roubo. Ele deve ter copiado os cartões e os códigos de acesso ao laboratório. Em outras palavras... Achamos que foi algum tipo de vingança. Não teve nada a ver com espionagem.

- Bom... As essas alturas não importa mais. Não quero discutir mais esse assunto. – disse o secretário de defesa. – Nossa prioridade agora é pegar de volta o nosso cachorro. Doutor Miller... Estou te dando total comando sobre a operação de busca ao nosso cão. Faça o que tiver que fazer, use o que tiver que usar, mas traga nossa arma de volta. E traga o mais rápido possível. Afinal são 5 bilhões de dólares e arma mais poderosa do mundo. Então... Você tem 48 horas. Estamos contando com você.

- Sim senhor. – respondeu o doutor Miller.

- Essa reunião está encerrada. Senhores estão dispensados. – finalizou o secretário de defesa.

[...]

Lisa corria para lá e para cá, brincando com Androton no quintal de sua casa. Os dois estavam se divertindo muito juntos naquela tarde de sábado tão gostosa que ali estava. Era 17h35min da tarde. Os pais de Lisa, apenas os observavam sentados em uma espécie de cadeira praia, jogando alguma conversa fora. Naquele momento, Lisa decidiu tentar treinar Androton a sentar e fazer alguns truques. Lisa disse:

- Ton, agora nós vamos brincar de fazer truques. Quero que você seja um cachorro treinado.

Androton apenas olhava Lisa e a ouvia. Lisa falou:

- Ton... Senta!

Androton instantaneamente obedeceu. Lisa ficou de boca aberta. Lisa falou:

- Ton... Fingi de morto!

Androton só precisava da taça do Oscar agora. Lisa gritou:

- Mamãe, papai! Venham ver o que Ton consegue fazer! Ele entende tudo o que eu falo.

Os pais de Lisa saíram de suas cadeiras e foram ver o que Lisa dizia. Eles se aproximaram e Lisa então falou:

- Olha só que legal pai. Ton... Senta!

Ton sentou. Lisa mandou fingir de morto, e ele fingiu. O pai e mãe de Lisa ficaram surpresos e maravilhados ao mesmo tempo. O pai de Lisa falou:

- Isso é incrível! Será que ele já é treinado?

Lisa falou:

- Acho que não, ele não tem cara de que já teve um dono. Pra mim Ton é inteligente e especial.

Androton latiu como se estivesse confirmando alguma coisa. Lisa disse:

- Viu! Ele entendeu o que eu falei.

- Isso é mesmo fantástico filhinha. Bom... Então agora voltem a brincar.

Naquele instante Androton ficou imóvel na sua posição. A única coisa que se mexiam eram suas orelhas. Como se tivessem fazendo, e estavam, uma análise dos sons que estavam dentro de um perímetro de 5 km. Algo estava de aproximando numa velocidade de 1000 km por hora. Três segundos depois um avião supersônico passou acima deles, quase que como um risco no céu. O barulho foi assustador. Todos se assustaram. O pai de Lisa olhou para o céu e disse:

- Nossa?! Um avião caça por aqui? Em Passo Fundo?

[...]

O piloto dentro do caça falou pelo rádio:

- Aqui é águia 15, leitura do local executada, coordenadas de localização sendo enviadas.

Houve uma resposta pelo rádio:

- Entendido águia 15. Dados recebidos, retorne a base.

O piloto respondeu:

- Entendido base.

[...]

- Pai eu to com medo. – disse Lisa assustada.

- Não fique querida, era só um avião que voa rápido. – disse seu pai.

- Rápido? Como?

- Ele voa muito, muito rápido. Mais rápido que um avião comum.

- Verdade? Puxa! Deve conseguir chegar na casa da vó num instantinho.

O pai de Lisa riu e falou:

- É num instantinho.

Androton ficou de pé. Seu radar estava detectando dois helicópteros norte-americanos se aproximando da casa de Lisa. Androton começou a rosnar. Lisa e seus pais olharam-no com ar de estranhamento. Lisa falou:

- O que foi Ton? Por que você tá bravo?



Lisa e seus pais começaram a ouvir sons ao longe de helicópteros se aproximando. Alguém começou a tocar a campainha da casa. O pai e mãe de Lisa foram ver quem era. Lisa começou a procurar no céu da onde vinham aqueles sons. O pai de Lisa abriu o portão e um homem se identificou dizendo:

- Olá. Eu sou o doutor Miller, do departamento de defesa dos Estados Unidos da América, estou aqui por motivos de questão de nossa segurança nacional.

O pai de Lisa disse fazendo uma cara de impressionado:

- É... Para um norte americano, você fala muito bem a nossa língua não acha?

- Sou conhecedor de 32 idiomas, falar outras línguas é um hobby meu.

- E porque a você está mesmo aqui?

- Vocês possuem uma propriedade do governo que foi roubado algumas semanas. Viemos apenas aqui buscar. Fiquem tranquilos que a culpa não é de vocês, sabemos que são inocentes dessa história.

- E o que seria doutor?

- O cachorro que está em sua posse, é a tecnologia que foi roubada do Pentágono.

- Sei. Tenha uma boa tarde.

O pai de Lisa ia fechar o portão quando o doutor Miller falou:

- É o último pedido que lhe faço caro cidadão brasileiro. Se não me entregar o cão, nós mesmos o tomaremos.

Nisso os helicópteros já estavam a uma distância de 1 km. O pai de Lisa respondeu:

- Amigo, vai pra casa. Você tá bêbado, vai pra casa vai.

Androton começou a latir, os helicópteros já estavam sobre à casa de Lisa e o doutor Miller avistou Androton. Miller pegou seu rádio preso no cinto e falou nele com seu inglês:

- Força Delta... Pode invadir.



## **ANDROTON (Parte III)**

Levou uma ínfima fração de segundo a viagem das ondas de rádio do rádio do doutor Miller até os rádios dos helicópteros com a ordem dada. E ainda menos, cinco segundos para os homens com roupas militares pretas obedecerem à ordem dada e descerem através das cordas jogadas para cumprirem sua missão. Uma captura forçada de Androton, o cachorro de 5 bilhões de dólares, na qual, não seria levado assim tão facilmente. Sabendo disso, os homens que desciam pelas cordas, ainda no alto, já começaram a abrir fogo em suas metralhadoras disparando os tranquilizantes em mira de Androton. Com o barulho das metralhadoras, Lisa se assustou e começou a gritar. E antes que os tranquilizantes atingissem a pelagem bela de Androton, esse já estava blindado com uma espécie ultra-avançada de armadura quase indestrutível, fazendo com que apenas formasse faíscas com o impacto dos tranquilizantes. Os pais de Lisa correram para perto dela para protegê-la e acalmá-la. Androton todo metalizado olhou para Lisa com uma decisão de proteção a sua amada dona. Androton correu em direção do muro com uma velocidade extraordinária fazendo um enorme buraco na estrutura. Os homens de roupas pretas já estavam no chão. Androton parou no meio da rua e começou a latir para eles. O doutor Miller gritou em inglês:

- Peguem-no agora! Usem munição de fogo! Vão, vão!

Os homens trocaram a munição e começaram a atirar, porém, o doutor Miller sabia que mesmo munição de fogo, não adiantaria contra a armadura de Androton. Nisso, Androton começou a correr e os soldados foram atrás dele. Pelo rádio Miller mandou um carro vir buscá-lo. Androton corria numa velocidade regular pelas ruas que encontrava para que os

soldados o conseguissem alcançar. Os helicópteros já estavam em cima de Androton, acompanhando-o. No carro, o doutor Miller estava começando a ficar bastante tenso com a situação, pois a responsabilidade estava pesando em seus ombros insuportavelmente. Atrás do carro de Miller vinham mais dois carros como reforço. Androton corria analisando por satélite o formato do bairro Petrópolis, buscava um local para confrontar seus perseguidores. Androton descobriu um campo de futebol vazio, mudou seu curso imediatamente para lá. Os soldados já estavam começando a ficar cansados e suas munições estavam acabando.

Finalmente Androton chegou no campo, ele parou e ficou de frente para o lado de onde vinham os seus perseguidores, que em questão de segundos estariam em sua frente. E foi o que aconteceu. Os soldados chegaram apontando suas metralhadoras para Androton e ficaram imóveis, eles estavam em vinte homens. Os helicópteros já estavam em cima do local junto com a chegada de Androton, por último chegaram os carros derrapando com suas freadas bruscas. O doutor Miller foi o primeiro a descer de um dos carros. Agora todos estavam onde Androton queria, ele olhou para os helicópteros e latiu numa frequência de som totalmente diferente do normal, o que gerou uma frequência radioativa de pulso eletro magnético, o P.E.M. Em segundos os helicópteros desligaram, e desesperadamente os pilotos começaram a gritar:

- Estamos caindo! Estamos caindo!
  - Nãoooo! – gritou assustadamente o doutor Miller.
- Um dos soldados gritou bem alto:
- Todos para o chão agora!

Todos pularam para o chão e os dois helicópteros caíram explodindo violentamente no chão. Pedacos das aeronaves começaram a voar para todos os lados, atingindo casa de moradores e carros. Parte desses pedacos feriram

gravemente alguns soldados. O doutor Miller começou olhar em volta daquele cenário e não achou Androton. Miller levantou-se e apertou com toda sua força o rádio em sua mão, ele o jogou no chão quebrando em vários pedaços. Miller gritou com seu inglês:

- Androton, seu cachorro miserável! Você não pertence a esse lugar! Está me ouvindo? Não pertence aquela família!

O doutor Miller começou a ouvir som de sirenes se aproximando e helicópteros também. Ele olhou para trás e viu um caminhão de bombeiros acompanhado de varias viaturas da brigada e policia civil, juntamente com carros do batalhão de operações especiais. Os três helicópteros que chegaram no local eram do exército brasileiro. Miller falou:

- Essa não. Só faltava essa agora.

Passou pela cabeça de Miller, que o fato de os helicópteros do exército brasileiro terem vindo de tão longe, foi pelo fato de Androton já ter enviado sinais de rádio a base militar brasileira antes de ter saído da casa de Lisa. Isso orgulhou Miller de certo modo, pois era a sua criação. Os policiais armados apontaram as armas para o doutor Miller dizendo:

- Mãos na cabeça e deita no chão agora! Anda! Agora!

O doutor Miller obedeceu. Um dos policiais foi algemar Miller, os outros foram prender os homens que não estavam feridos. Varias ambulâncias chegaram no local. Milhares de pessoas começaram a se aproximar para ver o ocorrido. Com a cara no chão e sendo algemado, o doutor Miller sentia violentamente a vontade de explodir de ira. O policial do BOE o levantou do chão e começou a conduzi-lo até a viatura. Colocaram-no na viatura e fecharam a porta. Os policiais entraram na viatura e saíram dali em rumo à delegacia. Androton apenas observava a situação com sua invisibilidade. O perímetro estava sendo isolado pelo exercito e a policia.

Na sala de interrogatórios da delegacia, o doutor Miller aguardava sentado pelo seu interrogador. Não demorou muito e um homem abriu a porta entrando silenciosamente. Miller deduziu que fosse o delegado. O homem parou de frente para Miller do outro lado da mesa e perguntou se apoiando na mesma com as mãos encurvando-se:

- Diga-me... A que nível está este caso?

O doutor Miller respondeu em português claro, olhando para o vazio:

- Vamos dizer que numa escala fora de seu padrão.

- Então estou falando com um estrangeiro, estou certo?

- Perfeitamente.

- Bom... Já que estamos em conversa de níveis internacionais, essa não vai durar muito. Pois outra pessoa está vindo para conversar com o senhor.

- Miller, meu nome é Miller. Doutor Miller.

- Para quem trabalha doutor Miller?

- Nessa conversa, isso é confidencial.

- É o que nós veremos doutor Miller. Talvez não conte para mim. Mas garanto que vai contar para o meu superior. Até breve.

O delegado se ergueu da mesa e saiu pela porta que entrou. Dois minutos depois entrou outro homem de terno preto, gravata cinza e camisa branca. Puxou a cadeira oposta da sala e sentou-se olhando para Miller. Cruzou as pernas e falou:

- Olá doutor Miller.

- Quem é você?

- Sou parte de uma organização secreta brasileira que vai arrancar a verdade do porque você está aqui. E mesmo que não abra o bico, já temos 85% das informações de sua vida e onde trabalha. Então... Não há mais motivo para esconder a verdade.

- Brasil tem organização secreta? É... Vocês me surpreenderam. – o doutor Miller olhou para o homem desconhecido e concluiu sua fala: - Mas mesmo assim não vai me obrigar a falar nada. E aí? Vai declarar uma guerra internacional por isso?

- Não doutor Miller. Se não nos contar nada, nosso país vai ficar com algo que pertence a vocês por direito. E vamos considerar que foi um presente diplomático dos Estados Unidos. O que acha? Afinal são 5 bilhões de dólares, não?

O doutor Miller gelou por dentro. Perguntou em tom de desespero:

- E se eu contar o que vocês querem saber?

- Então... Nós o ajudaremos a pegar de volta o que é seu doutor. Em troca de muitas bonificações dos Estados Unidos ao nosso país.

- Tudo bem. O que querem saber?

O homem de terno preto deu uma leve aproximada com seu rosto e falou:

- Fale sobre o projeto Androton.

## **ANDROTON (Parte IV)**

O doutor Miller não tinha outra opção se não a de revelar e contar tudo o que sabia sobre o projeto secreto Androton; que na qual não era mais tão secreto assim. Pois, afinal, depois de tudo que o suposto vira-lata de cinco bilhões de dólares causou, segredo naquele momento não iria significar mais nada, iria ser inútil. Então... Porque não contar logo? Já estava tudo as claras mesmo. Já estava feita a bagunça. Miller algemado em sua cadeira ajustou-se e começou a falar olhando para o vazio:

- Há dois anos, desenvolvemos um microchip militar que podia armazenar um milhão de terabytes de informação em dados. O menor e maior HD já construído; em armazenamento de dados para fins militares. Com apenas um diferencial ultrarrevolucionário: a capacidade de aprender. O que de certa forma, poderia fazer com que tivesse sua própria autonomia e capacidade de avaliações. Mas... Não tínhamos ideia do que fazer com aquilo inicialmente, quero dizer, não sabíamos em que tipo de equipamento adequado inserir para que pudesse ter uma utilidade maior.

- Então... – disse o agente secreto brasileiro – nessa época não havia existência ainda do projeto de infiltração?

O doutor Miller respondeu:

- Não agente sei lá o que; o projeto Androton existia, mas não sabíamos ainda qual equipamento seria mais adequado para uma infiltração perfeita, sem que houvesse qualquer suspeita em potencial dos supostos inimigos. Algo que ninguém jamais imaginasse que fosse uma arma de infiltração. Levamos meses tentando imaginar como poderia ser algo desse tipo. E a única coisa que pensávamos nesse meio tempo, é que não havia nada no nosso “acervo” militar



para possuir tal perfil. O único modo era criar algo novo, mas naquela época o governo não estava a fim de gastar com orçamentos altos em pesquisas que poderiam ser fúteis ao ato de que poderia não haver necessidade imediata. Numa maneira de dizer: use o que tem e não gaste o que não tem. Apesar de sermos uma das maiores superpotências econômicas.

- E então? – perguntou o agente secreto.

- Foi um ato terrorista que mudou tudo. Um ano depois de termos desenvolvido o super chip militar, uma célula terrorista parou um carro na garagem da sede FBI e o detonou quase botando o prédio a baixo, e eu disse quase... Foi por sorte que o carro estacionou e explodiu em um ponto que não danificou gravemente as bases do prédio. Fez um estrago na área claro, destruiu com alguns carros, mas ninguém saiu ferido. A imprensa não foi autorizada a divulgar o assunto em questão. E foi aí que o curso da história mudou drasticamente. O presidente ficou furioso e ordenou que me chamassem para ir até a casa branca. Com certo sarcasmo interior, eu fui até lá... Eufórico... Pulando de alegria dentro de minha mente, mas com semblante de como se nada tivesse acontecido. Ah sim... Eu sabia que aquela era a oportunidade perfeita. Então tratei de aproveitá-la. E como eu previ, o presidente me deu carta branca para gastar o que eu quisesse na pesquisa da nova arma de infiltração. O presidente queria o mais rápido possível que essa arma de infiltração estivesse pronta, para que pudesse ser usada contra o combate eficiente ao terror. Agora só faltava descobrir no que aplicar o chip.

- E como surgiu a ideia de usar um animal? – perguntou novamente o agente secreto.

Miller olhou desdenhosamente seu interrogador prossequindo:

- Eu estou tentando chegar lá agentinho impaciente. Como eu dizia, só faltava achar onde aplicar o chip. Bem...

Depois de alguns dias de todo esse ocorrido, estava eu seguindo meu rumo indo para a minha casa, num dia que já escurecia. Estava cansado e muito a fim de passar na locadora de filmes alugar um bom filme de ficção científica. Estacionei o carro perto de uma que eu tinha cadastro, e entrei para dar uma olhada. Dei um belo passeio pela sessão de ficção científica, minha área de títulos preferida. Olhava aleatoriamente sem buscar nada específico, quando então eu vi um clássico... **Max: Fidelidade Assassina**. A história de um cachorro que foi desenvolvido para ser uma máquina de caçar perfeita. Foi então que enxerguei a resposta que procurava. Os detalhes técnicos da engenharia obviamente você deve ter, então vou lhe poupar tempo do que você já sabe. E foi assim então que surgiu Androton... Certo, agora que eu contei tudo o que não devia, vocês vão me ajudar a recuperar aquele viralata pulguento?

O agente despreocupado ajeitou-se na cadeira e arrumou lentamente suas mangas do palito, como se não tivesse nenhum compromisso urgente. O agente falou:

- Bem doutor Miller, em vista do trato que nós fizemos...

Sim não se preocupe, nós vamos ajudar a recuperar o seu cão espião; porém quero fazer outro trato em função do mesmo.

- E o que é?

- Se recuperarmos o seu cachorro, o que eu sei, não vai ser uma tarefa nada fácil, o governo brasileiro exige que o seu governo perdoe nossa dívida externa. Apenas isso. Acha que é possível doutor Miller?

- Se me deixar falar com o meu governo, eu acho que sim.

- É bom mesmo isso ser possível, pois do contrário nós dois sabemos que ninguém aqui vai botar a mão naquele animal. Fui claro doutor Miller?

- Certamente que sim senhor...?

- Meu nome é Fuller... Agente do serviço secreto brasileiro Michael Fuller ao seu dispor. Mas se quiser, pode apenas me chamar de Michael.

- Entendido agente Michael. Quando a operação começa?

O agente sorriu com o canto da boca para o doutor Miller e lhe falou:

- Pode se dizer que a operação carrocinha está em andamento.

## **ANDROTON (Parte V)**

Após todo aquele ocorrido de homens armados, helicópteros voando, avião supersônico e tudo aquilo mais, o quintal de Lisa estava destruído. Um detetive da policia federal e policias da brigada militar conversavam com o pai de Lisa para tentar entender toda aquela situação. O pai de Lisa relatava tudo o que tinha ocorrido, tudo o que ele viu apenas. O que por sinal, não era muita coisa, tirando o fato do tiroteio e as aeronaves. Lisa e sua mãe estavam assustadas e paralisadas, apenas aos cuidados médicos dos bombeiros. Havia viaturas das duas unidades e mais a policia federal tomando conta do local. Nada estava fazendo sentido para o pai de Lisa, já não era mais a primeira vez que a policia estava ali em sua casa. E parece que a cada vez que eles voltavam, sempre que voltavam, voltavam em maior número, isso apenas em menos de uma semana. Todos queriam entender o que estava acontecendo e ninguém ali sabia dar uma simples explicação. O detetive da policia federal, perguntou ao pai de Lisa:

- Então... O senhor disse que esse tal doutor Miller, como o próprio se intitulou, disse ao senhor que trabalhava para o pentágono, certo?

O pai de Lisa respondeu:

- Correto. Na hora eu achei que ele fosse um maluco, sabe? Mas, depois do que vi e presenciei, começo acreditar nele.

- Uhum... – fez nasalmente o detetive anotando em seu bloquinho. Tornou a perguntar: - Você disse que ele mencionou que o seu cachorro... É...

- Androton.

- Isso. Androton. Disse que ele mencionou que o equipamento roubado de nível um era o seu cachorro?

- Isso. Mas, eu acho isso uma tremenda bobagem, sabe? Como que uma tecnologia de primeira linha iria vir parar aqui em Passo Fundo? Não faz sentido.

Nesse momento, os policiais da brigada militar saíram para atender o chamado de alguém que estava ali no local. O detetive aproveitou para dizer:

- Eu entendo o senhor. Realmente, para o senhor, está acontecendo muitas coisas estranhas. Se eu estivesse em seu lugar, me sentiria do mesmo modo. Mas... Eu queria saber uma coisa... O senhor não notou nada de estranho em seu cachorro?

O pai de Lisa olhou o detetive pensativo e um pouco surpreso. Não acreditou no tipo de pergunta que lhe foi feita. O que pareceu que o detetive ainda acreditava que aquilo tudo era verdade e ele não. O pai de Lisa soltou uma risada de canto e respondeu com outra pergunta:

- Você não acredita mesmo nisso, não é detetive?

- No meu ramo, jamais podemos descartar nenhuma possibilidade.

O pai de Lisa deu uma leve risada e disse:

- Certo. Isso já está começando a ficar ridículo. Isso só pode ser uma piada de mau gosto.

- Eu nunca brinco em serviço, disse tenha certeza.

- Tá bom, olha... Já que é assim... Sabe o que eu vi?

- O que o senhor viu?

- Eu vi um extraterrestre sentar na sua cabeça e sugar o seu cérebro. Isso é uma boa pista não acha?

- Peça ao senhor, por favor, que meça as suas palavras.

- Óh, para encerrar esse assunto aqui... Eu não notei nada, tá legal? Tenha uma boa fim de tarde. – e dali, o pai de Lisa se retirou vigorosamente.

O detetive não deu muita importância com a retirada brusca do pai de Lisa, mas permaneceu no local. Depois de ter feito alguns curativos pequenos e leves, Lisa olhava para todos



os lados à procura de Androton. Começou a andar pelo quintal com o intuito de achá-lo, imaginando que por um acaso ele estive por ali em algum lugar, no meio daquele monte de pessoas. Lisa estava confiante e certa de que Androton devia estar muito perto, só não sabia onde. Procurou sem parar chamando pelo seu nome de vez em quando. Onde ele deveria estar? E lá estava ele deitado no gramado num ponto daquele imenso quintal. Estava ali como se nunca tivesse se mexido. Lisa correu para abraçá-lo; abraçou-o fortemente, Androton balançava o seu rabo sem parar. Androton sabia que ali ninguém tinha conhecimento do que ele havia realizado anteriormente, exceto uma pessoa... O detetive que o pai de Lisa havia conversado. Esse se aproximou de Lisa e Androton já ficou em alerta, o detetive perguntou:

- Olá garotinha, como vai?

Lisa respondeu um pouco envergonha:

- Vou bem.

- Como se chama esse seu cãozinho?

Androton começou a rosnar baixinho e de leve.

- Ton.

- Ah! Se chama Ton. Que nome bonito. É um cachorro bonito, né?

- É.

- Posso fazer um carinho nele?

- Pode.

O detetive ao abaixar-se, ia colocar a mão em Androton, mas esse aumentou mais ainda seu rosnado. O pai de Lisa se aproximou e advertiu:

- Pensei ter encerrado nosso assunto detetive.

O detetive se levantou olhando para o pai de Lisa, respondendo:

- Sinto muito, senhor. Só estava conversando com sua filha.

- Bem... Peço, por favor, que fique longe dela.

- Claro, como o senhor quiser.

O detetive se retirou. O pai de Lisa se abaixou e perguntou a ela:

- Tudo bem filhinha?

- Sim papai.

- Que bom. Fique lá com a mamãe, tá certo? Logo, logo, esse pessoal vai embora, tá bom?

- Tá bom papai.

- Ótimo. Leve Androton com você.

Lisa se levantou e começou a puxar Androton pela coleirinha dele. Androton andou do lado de Lisa tranquilamente. Tudo parecia estar se acalmando. Isso até chegarem ao local mais dez caminhonetes pretas. Todos no local olharam surpresos, menos o detetive da policia federal que havia conversado com o pai de Lisa. Homens camuflados desceram delas juntamente com o doutor Miller e o agente secreto Michael. Androton novamente começou a rosnar. Os montantes de homens que haviam descido das caminhonetes se posicionaram apontando metralhadoras para Androton. O doutor Miller e o agente Michael pararam a certa distância. O agente Michael disse:

- Muito bem Androton. Sei muito bem que entende o que estou dizendo, então preste atenção... Você pode vir diplomaticamente como um bom robô e se entregar ao seu verdadeiro dono, ou teremos que tomar medidas extremas e perigosas, tendo a possibilidade de machucar civis e sua amada garotinha. Então... A questão é a seguinte: você tem dois minutos para avaliar e calcular essas possibilidades. Nenhum segundo a mais começando de agora.

Todos ficaram observando silenciosamente a situação, esperando para ver o que iria acontecer em dois minutos. Androton apenas olhava para Michael, mas seus circuitos estavam processando trilhões de cálculos por milésimo.

Androton tinha que avaliar muito bem a sua decisão, pois vidas ali poderiam estar em jogo.

Dois minutos. Era o tempo que Androton dispunha. Dois minutos.



## ANDROTON (Parte Final)

Já havia se passado exatamente um minuto e ninguém ainda tinha feito um sequer movimento. Todos estavam paralisados com a situação intrigante, apenas esperando pelo acontecimento seguinte. O agente Michael fitava os olhos de Androton com desafio e Androton fitava o agente Michael como se nada demais estivesse acontecendo. O pai de Lisa puxou a mesma que estava ao lado de Androton para perto dele. Lisa estava quieta e assustada, assim como sua mãe e seu pai. Restava agora menos de um minuto para Androton se decidir e cada segundo parecia estar ficando mais rápido. Miller olhava para Androton com esperança de que ele não fizesse nenhuma bobagem, pois sabia que seu tempo também estava se esgotando.

O silêncio foi quebrado com a voz do agente Michael:

- Tempo esgotado. E então? O que vai ser seu vira-lata de laboratório?

Depois de incalculáveis cálculos feitos na mente de Androton, este já decidido tomou a única atitude viável naquele momento. Andou lentamente em direção do agente Michael, Miller e os homens armados. Lisa ia impedi-lo quando seu pai a segurou dizendo:

- Não filhinha. Não podemos fazer nada. Deixe-o ir.

Lisa não se mexeu mais, pois de certo modo, até ela entendeu a situação de Androton.

O doutor Miller vendo Androton se aproximar, sentiu-se aliviado por ter sido desta maneira. Michael sorria com o canto da boca com sentimento de controle e satisfação. Miller fez sinal para um dos homens trazer a gaiola. A gaiola foi colocada no chão por um dos soldados, e após aberta, o doutor Miller apontou com o dedo a entrada da mesma para Androton.

Todos naquele local assistiam a cena com certa melancolia ao ver aquilo. Androton entrou na gaiola e esta foi fechada. Dois soldados a levantaram e conduziram-na para uma das camionetes ali próxima. O doutor Miller olhou por alguns segundos aquilo, voltando a olhar Lisa com pena no coração. Foi até ela e abaixou-se para dizer-lhe:

- Eu sinto muito por tudo isso. Saiba que lhe sou muito grato por ter cuidado e amado ele. Mas, ele propriedade do meu governo e preciso levar ele de volta.

O pai de Lisa disse ao doutor Miller com desprezo:

- Vá embora. Vocês já causaram estragos demais neste lugar.

O doutor Miller se levantou e disse ao pai de Lisa:

- Não se preocupe com sua propriedade cidadão. Dou-lhe minha palavra de que será ressarcido dos estragos causados.

- Assim espero. – respondeu o pai de Lisa.

O doutor Miller assentiu. Virou-se de volta para as caminhonetes e foi andando em direção delas, fazendo sinal de encerrar missão com as mãos para o agente Michael. O agente Michael assentiu com a cabeça e disse aos homens:

- Muito bem homens, operação carrocinha concluída, vamos embora!

Todos entraram nas caminhonetes e essas partiram uma a uma, deixando para trás todos aqueles que quase participaram de um acontecimento terrível.

Lisa desabou a chorar e seus pais prontamente abraçaram-na para o consolo de sua tristeza. As pessoas aqui ali no local estavam notando que nada ali precisava mais ser feito, foram aos poucos deixando o local. Uma sensação de vazio ficou ali. E após Lisa tanto chorar, seu pai resolveu as últimas questões com os policiais que haviam sobrado, liberando-os completamente.

Estando sentado ao lado do doutor Miller, no banco passageiro de trás do veículo, o agente Michael disse olhando a paisagem pela janela:

- Essa foi à operação mais rápida e mais fácil que já comandeí. Isso é bom, pois não houve derramamento de sangue, nem desperdício de munição. O que considerando todas as possibilidades achei que iríamos ver um pouco de ação. Mas isso prova que a máquina é inteligente para tomar decisões, não é doutor Miller?

Miller também olhava a janela quando respondeu:

- Foi projetada para isso. É uma arma de espionagem, e não um brinquedo interativo.

- É, mas... Devia ficar mais atento com seu bichinho doutor.

- Porque diz isso?

- Não é por nada. Afinal, quem sou eu para dar conselhos ao homem que projetou o equipamento. Conhece mais ele, do que ele mesmo, não é?

- Não tenha dúvida disso.

- Ótimo. Saiba que nosso serviço está finalizado doutor Miller. Daqui por diante, a responsabilidade deste animal é totalmente sua. Onde só peço que agora cumpra com sua parte no acordo, ou teremos muitos problemas.

Miller olhou o agente e respondeu:

- Não se preocupe. Meu governo já foi informado do nosso acordo, eles estão em andamento com o processo burocrático.

- Bom. Assim espero.

[...]

Desembarcando no aeroporto de Washington, o doutor Miller deu cara com três agentes da CIA no saguão. Um deles se aproximou e disse:

- Doutor Miller, estamos aqui para leva-lo ao Pentágono.

O doutor Miller respondeu:

- Vocês precisam pegar Androton na bagagem.

- Isso já foi feito doutor. Não se preocupe.

- Bem... Se é assim, então vamos.

Os quatro saíram dali e seguiram a sua rota.

No Pentágono, o doutor Miller andou uns poucos passos em um corredor de carpete azul até chegar a uma determinada porta. Nesta havia uma plaquinha fixada com o nome 'secretário de defesa'. O doutor Miller bateu nela e então abriu, entrou dizendo ao homem de terno sentado atrás da mesa:

- Boa noite senhor. Queria me ver?

- Boa noite doutor, feche a porta.

O doutor Miller fechou e apenas ficou de pé olhando para o secretário.

- Doutor Miller. Espero para o próprio bem de sua carreira como cientista, que nosso investimento esteja aqui e em perfeito estado.

- Sim senhor. Como prometido, Androton foi trazido de volta em segurança e intacto. Na verdade quem causou mais estragos foi ele mesmo, senhor.

- Está aqui?

- Sim, senhor. Está no laboratório de testes, preso em uma gaiola.

- Quero vê-lo agora. Acha que é possível doutor Miller?

- Sim, senhor, com toda certeza.

- Ótimo.

O secretário abriu uma das gavetas de sua mesa, pegou algo pequeno de cor escura e enfiou no bolso do paletó. O doutor Miller tentou distinguir o que era, mas foi rápido demais.

O secretário se levantou e apontou com a mão para a porta dizendo:

- Vamos.

Os dois andaram por vários corredores até chegarem ao laboratório descrito pelo doutor Miller. Eles entraram no laboratório e receberam saudações de dois cientistas que estavam de jalecos brancos. A gaiola de Androton estava em cima da mesa do laboratório. O secretário de defesa se encaminhou até ela e encurvou-se olhando para o belo Husky que ali estava respirando com a boca aberta de língua exposta. O secretário de defesa virou a cabeça para o doutor Miller e lhe disse:

- De fato, é um belo animal.

Miller também se aproximou e respondeu olhando para os olhos penetrantes de Androton:

- É verdade. Não foi atoa que a garotinha havia se encantado por ele.

O secretário voltou a ficar de postura erétil perguntando:

- Garotinha? Quer dizer que o dono temporário era uma garotinha?

- Sim, senhor. Deu até pena ter tirado dos braços dela, sabe?

- Entendo.

O secretário havia se encantado com o animal. Não o havia visto antes e agora que estava vendo como ele realmente era, decidiu dizendo:

- Doutor Miller, será que eu posso fazer um carinho nele?

- Mas claro que sim, senhor. Androton é uma arma, mas também é muito dócil.

Doutor Miller abriu a gaiola e concedeu licença ao secretário de defesa. O secretário se aproximou mais. Devagar ele ia chegando perto com a mão. Quando soltou levemente o peso de sua mão para tocar a cabeça Androton, essa

atravessou a cabeça do animal, como se o animal fosse um fantasma. O secretário e o doutor Miller rapidamente se espantaram com aquilo. O secretário passou a mão varias vezes naquela imagem falsa tentando acreditar que aquilo não estava acontecendo. O doutor Miller olhando aquilo horrorizado, disse:

- Isso é impossível!

O secretário furioso gritou para o doutor Miller:

- Doutor Miller! O que significa isso?

O doutor Miller respondeu quase gaguejando:

- Ele deve estar usando o sistema de defesa holográfico.

Após ter dito isso, Androton sumiu completamente daquele lugar. O secretário de defesa novamente gritou:

- Como você não percebeu que era um holograma doutor Miller? Você que projetou o equipamento devia saber que ele ia tentar algo assim. Como deixou isso passar?

- Eu não pensei que ele fosse capaz de fazer isso. Só pode estar usando o sinal de um dos nossos satélites. – respondeu Miller.

- Eu sabia que algo assim iria acontecer, eu sabia! Agora, como você acha que aconteceu doutor Miller? – ainda gritava o secretário de defesa andando de um lado para o outro.

- Acho que ele deve ter ficado invisível sobrepondo a sua imagem holográfica sobre si mesmo. Deve ter feito isso quando lhe deram dois minutos para decidir.

O secretário de defesa Matson parou repentinamente olhando para o doutor Miller com fúria. O secretário disse:

- Como assim decidir? Vocês deram tempo para ele decidir a situação? Vocês deram o controle da situação a ele?

- Na verdade, foram os brasileiros, senhor.

- Claro que sim, só podia ser. Por isso não desenvolvem, pois não avaliam as situações.

[...]

Enquanto isso, o pai e a mãe de Lisa colocavam as malas no carro. Com a porta da garagem escancarada para o quintal destruído, Lisa sentada no chão com os joelhos quase encostados no seu queixo, observava a noite chegando aos poucos. Lisa pensava constantemente em Androton, não conseguia esquecer sua triste partida. Quase baixinho, ela disse com sua voz doce e meiga:

- Ton.

No mesmo instante, Androton saiu de sua invisibilidade e surgiu bem na frente de Lisa. Lisa sorriu e gritou:

- Ton! Você não se foi! – abraçando-o.

Os pais de Lisa olharam para trás no mesmo instante. Não acreditaram no que viram. Aproximaram-se e Lisa os olhou dizendo:

- Ton não foi embora.

Os pais de Lisa se entre olharam por vários segundos. O pai de Lisa voltou a olhá-la e lhe disse tentando afastá-la do animal:

- Não querida, se afaste dele. É perigoso.

Lisa abraçou mais forte a pelagem de Androton negando. Lisa não queria soltá-lo de jeito nenhum. Androton apenas balançava o rabo, respirando de boca aberta e língua exposta. O pai de Lisa a soltou. Lisa disse:

- Não! Ton é meu. Ton é meu.

Os pais de Lisa novamente entre olharam-se. Lisa amava seu cachorro e não queria jamais abrir mão dele.

[...]



O secretário de defesa andando de um lado para o outro, ainda dizia aos berros:

- Aquele vira-lata pulguento de uma figa! Custou ao governo americano cinco bilhões de dólares, e para quê? Para uma criança que nem se quer saiu das fraldas! Sem falar que perdoamos uma dívida de imenso valor do Brasil!

O doutor Miller não sabia o que dizer naquele momento de histerismo do secretário. Apenas escutava calado e de cabeça baixa sabendo que sua carreira como cientista havia ido por água abaixo. Em sua posição não sabia mais o que fazer. Estava arruinado. O secretário Matson parou e disse:

- Não tenho outra escolha. Terei de fazer.

O doutor Miller olhou para o secretário com preocupação perguntando:

- Fazer o que senhor?

- Destruí-lo! – respondeu o secretário com um grito.

- Como assim destruí-lo? Não há como fazer isso.

- Vamos ver se não!

O secretário puxou do bolso do paletó o tal objeto escuro que havia guardado antes e mostrou a Miller. Miller viu que era um pequeno controle remoto com apenas três botões. O doutor Miller disse:

- Como conseguiu isso? Quem desenvolveu?

- Isso não importa. Agora já é tarde doutor.

- Mas, e o micro HD?

- Já construímos várias réplicas.

- Vai mesmo destruir cinco bilhões de dólares.

- Infelizmente sim. Não podemos deixar um objeto de alto valor nas mãos de qualquer um. E não se preocupe, o nosso país irá recuperar essa quantia em pouco tempo.

O secretário olhou para aquele controle em sua mão e então apertou um determinado botão.



[...]

Nos braços de Lisa, Androton apagou e caiu amolecido. Androton não respirava. Lisa olhou Androton e começou a chacoalhar-lo. Lisa dizia:

- Ton...? Ton...? Ton acorda. Para com isso Ton, não tem graça.

Naquele momento os pais de Lisa perceberam e entristeceram-se com a cena. Lisa continuava a chacoalhar Androton. Os pais de Lisa se agacharam ao lado dela. O pai de Lisa a pegou pelo braço e disse:

- Sinto muito filhinha. Ton se foi.

Lisa começou a chorar com o Husky inanimado em seu colo. Seus pais a abraçaram tentando consolá-la.

[...]

- Pronto. Agora vamos para a minha sala para falarmos sobre sua demissão doutor. – disse o secretário de defesa deixando o laboratório.

O doutor Miller olhou para o vazio com tristeza em seu coração, pois se sentiu exatamente como Lisa estava se sentindo naquele momento. Lisa lhe passou pela cabeça naquele momento, a cena de vê-la com Androton morto em seus braços. O doutor Miller imaginou o mais próximo de como poderia ter sido aquela cena triste e dramática. “*Pobre garotinha*” pensou consigo.

E assim... Com passos lentos deixou o laboratório rumo à sala do secretário de defesa.







Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)  
[www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Vídeo games modernos, computadores inteligentes, androides, viagens no tempo, todos eles são alguns elementos do mundo incrível da ficção científica, o mundo sci-fi. E neste livro você verá alguns deles, descritos de uma forma fascinante e intrigante.

Todos posicionados em contos que farão você se interessar pela área e se aprofundar mais. Leia e entre neste universo de contos além da sua imaginação.

